MISCEL.
200,8,8
Nº 18

Silva Jardim

A REPUBLICA
NO
BRAZIL

Conferencia realizada na cidade do Rio de Janeiro

NO SALÃO DA

Sociedade Franceza de Gymnastica

Aos 12 de Agosto de 1888

Em excursão de propaganda republicana pelas provincias de

São Paulo, Rio de Janeiro e Minas-Geraes.

ENCONTRA SE A VENDA NA

Livraria Internacional

De

Francisco Soares Quintas

PERNAMBUCO

Rua 15 de Novembro Nº 77

Typographia do Norte

Recife

1889

(CENTENARIO DA REVOLUÇÃO FRANCEZA)

R 60-9-8-m 18

Silva Jardim

A REPUBLICA
NO
BRAZIL

Conferencia realizada na cidade do Rio de Janeiro

NO SALÃO DA

Sociedade Franceza de Gymnastica

Aos 12 de Agosto de 1888

Em excursão de propaganda republicana pelas provincias de

São Paulo, Rio de Janeiro e Minas-Geraes.

RECIFE
Typographia d'O Norte
58—Caes 22 de Novembro—60

1889
(CENTENARIO DA REVOLUÇÃO FRANCEZA)

Ao Cidadão

DR. FRANCISCO DE RANGEL PESTANA

Esta conferencia, a primeira que o seu autor realizou na capital do Paiz, publicada a trechos, mas quasi até o seu fim, no jornal fluminense—a *Gazeta da Tarde*, é approximadamente uma synthese das exposições politicas que elle effectuou nas suas excursões de propaganda pelas provincias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes no anno passado e no que corre.

Ella é o eixo da primeira parte da propaganda politica que elle se tem proposto fazer. Estudadas as casas de Bragança e de Orleans, procurou demonstrar, pela deducção phylosophica, que a sociedade brazileira exigia a Republica, e que o meio para lá chegar era a revolução de baixo para o alto, qual a comprehendia. E' o que se deduz dos duplos opusculos *Patria em perigo*, e *Salvação da Patria*. O fim geral do Partido Republicano, a analyse da fórma monarchica, da Constituição Politica do Paiz, e do seu estado de infelicidade actual, resultam da leitura deste opusculo, que antecipadamente a *Republica no Brazil* preparou, servindo-lhe de compendio.

Acompanhado da *Resposta ás objecções contra a Republica*, do discurso revolucionario *A Chegada do Imperador e a Partida do Imperio*, do estudo sobre *O movimento republicano, sua justificação e sua grandeza*, da conferencia sobre *O exercito e a Nação*, trabalhos que breve virão á luz da publicidade, e das conferencias em resposta ao deputado Joaquim Nabuco, divulgadas na imprensa diaria e em folheto,—este trabalho leva ao desenvolvimento da maneira pela qual se deve instituir a Republica em nosso Paiz, exposta na conferencia que breve virá tambem á luz, sobre a *Organisação Republicana*, e no compendio que com o mesmo titulo o autor d'ahi pretende extrahir. O desenvolvimento do modo institucional da Republica é, aliás, consequencia das asserções da sua *Carta Politica ao Paiz e ao Partido Republicano*, do seu *Discurso sobre a Politica Republicana Revolucionaria*, e do seu manifesto desenvolvido sobre a *Situação Republicana*.

Vê-se assim que, afóra discursos incidentaes, guardam estes pequenos estudos uma certa ligação quér theorica, quér pratica, que, embora difficil de realizar em quem tem de exercer no meio da tempestade revolucionaria a um tempo a triplice funcção de propangadista, de agitador, e de director politico, é por sua vez condição de efficacia de uma tão complexa tarefa.

Procurando cumprir taes deveres, por um plano, em que collaborem a sympathia, a acção e a meditação, é que o autor espera corresponder á bondade do Publico de seu Paiz, que o tem julgado digno de um serviço constante de dedicação á causa da Republica e da Patria.

Junho de 1889.

(O Orador atravessa o salão da conferencia no meio de uma prolongada salva de palmas e de acclamações que o acompanham até chegar á tribuna.)

MINHAS SENHORAS,

MEUS SENHORES.

Ao dirigir-vos a palavra, quasi ao terminar a excursão de propaganda politica que de meu partido a mim tomei, nenhuma consagração aos esforços que tenho empregado em pról do ideal que de verdes annos abraço, me seria mais grata, que a dos vossos applausos neste momento, na capital do meu paiz, para mim de tantas recordações, e da qual ha dez annos me acho affastado na outra tambem bella patria paulista, adoptiva.

Esses applausos significam que a cidade do Rio de Janeiro, suspeita embora pelo coração provinciano de mortal lethargia monarchica, não está perdida para a causa da Republica. Significam que, bello centro natural da vida brazileira, com tanta solicitude constituido por nossos Paes, relembrada das gloriosas tradicções do seu passado, principalmente d'esse libertador 7 de Abril de 1831, ella saberá, em breve, corresponder ao vivido movimento que rapidamente da periferia da nação para ella parte. Recebo, meus senho-

res, cheio de gratidão, as vossas manifestações de sympathia fluminense, não a mim, mas sim á idéa politica que accidentalmente represento dirigidas. Procurarei consagral-as todas ao culto da nossa deusa commum, a Patria redimida pela Republica.

São a ella, Senhores, pois, os vossos applausos; de feito, quem de nós, vencendo um temor sagrado, ousaria collocar as corôas triumphaes sobre a fronte da Déa eterna da liberdade dos povos? Ninguem: empreguemos então servidores humildes 'num tão religioso mister: Cidadãos, não a mim, á Republica os vossos applausos! *(Muito bem!)*

Nem d'outro modo podéra ser: porque em verdade vos posso annunciar serem chegados para nossa terra os dias de uma profunda transformação social epolitica, os dias da substituição do regimen de privilegios de casta, pelo de ascendencia da Opinião; os dias da eliminação do regimen do passado e alevantamento do regimen do futuro: dias em que seremos verdadeiramente brazileiros, ligados pela continuidade ás aspirações dos nossos maiores, e pela solidariedade aos desejos urgentes dos nossos co-evos; dias, em que seremos verdadeiramente americanos, dignos da fraternidade dos nossos irmãos primeiros: os dias da Republica! *(Applausos.)*

Para um tal fim, o Partido Republicano, o partido nacional, se agita; inspirado no passado e no porvir da nação brazileira, *(muito bem!)* porlema a Republica, isto é, a liberdade plena, a igualdade civil, e a fraternidade a mais completa, elle chama a postos todas as energias, todos os corações e todos os talentos; chama ao serviço da patria todos os que a patria habitam, representantes de todas as gerações, de todos os partidos e de todas as nacionalidades; e, creio, Senhores, que poderemos em tempo dizer que jamais tão bella e tão vasta cooperação no mundo se effectuou! *(Applausos.)*

Tambem nós merecemos em torno de nossa acção essa geral convergencia de esforços.

Porque nós somos o partido mais antigo da patria; somos a vanguarda da nação brazileira, representamos as suas tradicções mais queridas:—a idéa da Independencia primeiro germinou em 79 no cerebro do nosso Tiradentes *(applausos)*; a reacção contra o despotismo imperial, em 31, se filia á nossa historia; e, em que peze aos máos, de nós surgiram

os primeiros lutadores desse 88, que libertou a raça irmã, escravisada infeliz! *(Applausos).*

O sangue dos martyres consagra a nossa attitude; consagra-a a dedicação de muitos contemporaneos; consagram-na as necessidades unanimes da nação, de combinação de ordem e de progresso.

Foi um nosso co-religionario, Felippe dos Santos, quem em 1720, na provincia mineira, foi esquartejado por pedir a liberdade de sua terra; foi um nosso co-religionario, Tiradentes, o abnegado sublime, a alma de propheta, de estadista em germen, quem subio ao patibulo, legando-nos o eterno exemplo da dedicação civica. *(Applausos).* Foram nossos co-religionarios Domingos Martins e Theotonio Jorge, que, em 1817 no Norte, pagaram em barbaras execuções a audacia da aspiração da Patria Nova; nossos co-religionarios o frade illustre Joaquim Caneca, e o preto illustrissimo Bezerra Cavalcanti, que, ainda em 24 nos «verdes mares bravios» do septentrião, fecundaram com o sangue o sólo nacional; co-religionarios os que, no decennio glorioso de 35 a 45, 'numa luta de heróes, vibraram nas cochilhas rio-grandenses os echos do retintim das espadas e os gemidos da miseria e da fome; *(applausos)* co-religionarios os que, em S. Paulo e em Minas em 42, pediam, emfim, a reversão de um throno: foi um nosso co-religionario, e co-religionario não menos distincto, Nunes Machado, quem, com seu corpo heroico, banhado em sangue, diante dos muros da cidade pernambucana, nos lançou o ultimo protesto armado contra a submissão á monarchia, e a ultima consagração sanguinolenta á luta em que nos empenhamos nós agora. *(Applausos prolongados).*

Assim, os nossos irmãos fizeram muita vez de seus cadaveres o vasto tapete por onde o carro da liberdade passou triumphante; *(applausos)* e, si não se tivera realizado o dia do *fico*, si não se tivera feito força a fraqueza liberal em 31, a instituição maldita *(muito bem!)* não se nos implantara; quando porém, a patria julgou supportavel a paz apparente, a paz dos tumulos do 2.º reinado, a paz da putrefacção, *(applausos)* não! nós não perturbámos o socego dos nossos compatriotas; ai de nós! ou bem de nós! não sei! os que tinhamos derramado sangue sim, mas sangue nosso tambem, os que tinhamos visto invadido o lar, desrespeitada a esposa, com fome os filhos, desamparados os velhos, insepultos os corpos dilacerados dos amigos, tivemos a generosidade, ou a fraqueza! de não vingar

o sangue derramado; contentámo-nos em ser um partido de propaganda pacifica, fomos os estrangeiros na nossa terra, os desterrados na propria nacionalidade; contribuimos para a riqueza publica, formámos a familia; nossas esposas deram filhos á Patria, nós demos cidadãos ao trabalho, á arte, á sciencia; depois do martyrio pela morte, o martyrio pelo ostracismo; não! em mal! ou em bem! não sei! não nos revoltámos; hoje, porém, que a Nação soffre, que de todos os lados brada contra um systema politico de descalabro administrativo, de corrupção covarde, de tyrannia disfarçada; hoje, que percebemos de todos os pontos sazonada a aspiração republicana; hoje que a Patria é ameaçada de perder o regimen da liberdade de pensamento e de trabalho; que nos seus horisontes vêm-se claros, de um lado a fronte demente e curva de ancião infeliz, o sorriso incolor de mulher criança, que brinca com um throno, e de outro, corpo perante corpo, frente perante frente, olhar perante olhar, a espada ameaçadora e ridicula de atrevido guerreiro, de homem sem patria, que á nossa pretende roubar, e o indomavel braço da nação que brada-lhe: suspendei! que intima-lhe: retirai-vos! ou que terrivel o provoca e ameaça: avançai!—nós retomamos o nosso posto na vanguarda da Nação, e appellamos para todos os que a Patria em perigo habitam, para a união fortissima em unica salvação da Patria commum, a proclamação da Republica! *(Applausos prolongados).*

Na lúta que travamos, Senhores, para a realização do nosso idéal politico, sentimo-nos fortemente apoiados pela sciencia social, deduzida da mais inteira observação historica. E' verdade que os povos começaram pela monarchia; mas é tambem verdade que os povos começaram pela fraqueza physica, pela estreiteza intellectual, e pela falta de independencia moral. *(Muito bem!)*

A monarchia é o governo dos povos fracos, pouco intelligentes e pouco dignos; e, si é certo que essa fórma de governo persiste em sociedades politicas civilisadas, não o é

menos que nellas se produz um desequilibrio das forças sociaes, que determinam em muito esse estado de angustioso desespero em que jaz principalmente o Occidente, a parte mais culta da Humanidade.

Depois da patriarchia, governo do chefe da familia, ou do mais forte chefe da mais temida familia, pois não existia ainda a noção da Patria,—tempos de fetichismo ingenuo; depois da theocratia, governo dos collegios sacerdotaes, e da bellarchia, governo da casta guerreira; depois das republicas dictatoriaes de olygarchias privilegiadas, e dos imperios dos cezares, épochas de polytheismo e de guerras; depois das dictaduras monarchicas e aristocraticas; depois da transacção entre a força popular e o privilegio real,—monarchia constitucional,—periodo de transitoria metaphysica; depois, em summa, das organisações primitivas e politicas do antigo Egypto, da Macedonia, Assyria, Babylonia, Phenicia, Media, Persia e India, da Grecia e de Roma, da França, Italia, Hespanha, Allemanha e Inglaterra, da Belgica, Hollanda, Portugal, Brazil e outras nacionalidades, o sentimento popular exige em clamores domados ou em rugidos explosivos a fórma de governo republicano, como unica conciliavel com sua força, intelligencia e dignidade. *(Muito bem)*

Os exemplos dos Estados-Unidos e da Suissa, fecundos, em resultados praticos, das nações ibero-americanas, mormente dessa amiga Republica Platina, e sobretudo o exemplo dessa heroica nacionalidade franceza, geradora das revoluções libertadoras, e da Grande Crise Occidental e Humana, desse sagrado 89, base inicial da subsequente reconstrucção, illuminaram a alma dos povos e fizeram-na comprehender que, á fecunda época positiva, de sciencia e de trabalho, que não de theologismo e de guerra, devia corresponder a eliminação do privilegio real, e a elevação do sentimento popular, convenientemente esclarecido e guiado.

Quando os homens, ainda fracos, viviam em fratricidas luctas physicas, quando sentiam-se as diversas tribus incapazes de uma existencia segura e independente, perceberam, batidas por muitas aves de rapina, a necessidade de se sujeitarem a uma « ave de rapina maior » na phrase de um philosopho: essa foi o monarcha. *(Riso)*

A natural inferioridade de força corporal fazia tributar-lhe, a elle, forte, excepcional veneração; a massa ordinaria o suppoz extraordinario senhor, absoluto heroe, só vindo de

deuses, semi-deus mesmo, em cujas mãos se depunha toda a liberdade, de cujas mãos se recebia protecção inteira.

Assim privilegiado, privilegiava esse aos que d'elle nasciam, e o poder dos reis foi dito vir de Deus; como si o Deus de bondade, que a concepção dos povos tinha creado, pudesse servir a sanccionar toda a maldade do mando omnipotente e da tyrannia feroz! *(Muito bem!)*. A secreta inferioridade popular gerou o privilegio das familias reaes.

Em verdade, Senhores, houve uma nobreza, isto é, familias depositarias das virtudes do tempo: o valor bellico, a bondade para os fracos, a lealdade aos iguaes, a obediencia aos chefes. Póde-se então conceber um Alexandre, um Trajano, um Cezar, um Carlos Magno, um Alfredo, um Frederico.

Foi então natural que a suprema direcção politica de um povo fosse privilegio exclusivo de familias julgadas divinas, e que de facto eram as culminancias da sociedade, mais que outras, por um educador exercicio hereditario da profissão, aptas para a difficil arte do governo dos povos: foi acceitavel então o poder monarchico hereditario.

Vêde, entretanto, a sociedade, sua evolução ascendente e gloriosa, entra mais tarde em um estado de triplice virilidade, physica, intellectual e moral; dá-se a substituição gradual da guerra pelo trabalho, da força animal pela actividade do pensamento; descobre-se a polvora, descobre-se a imprensa; libertam-se as communas, apparece a reforma protestante, desenvolve-se o commercio, descobre-se a navegação; apparecem os banqueiros, descobrem-se as machinas, emancipa-se a razão humana! O regimen militar tende a ser substituido pelo da paz! Guerreiro! antes de partir para a batalha, heis de vos curvar diante do humilde operario que fabrica a polvora que vos é necessaria! *(Applausos)*.

Surgem então familias de populares, que, pela intelligencia muita, pela moralidade continua, e pelo trabalho productor, igualam-se a principio, e excedem definitivamente após, ás familias privilegiadas, constituindo-se os verdadeiros representantes do privilegio, porém do mais santo, e do mais justo dos privilegios, o da sciencia a serviço da virtude. *(Applausos)*.

As familias privilegiadas foram portanto aquellas em que o pai transmittio ao filho, com o aperfeiçoamento intel-

lectual e a aptidão pelo trabalho, o sentimento de dignidade e a grandeza do coração..; *(Applausos)* os privilegiados então fomos nós. *(Applausos)*.

A observação scientifica foi mesmo revelando que as familias reaes, pelas relações conjugaes, nellas sómente realizadas entre parentes, sem a preoccupação do aperfeiçoamento de raça que produz o *pur sang*, um melhor typo, mas sómente com o intento na manutenção de egoisticos interesses de dynastia, — constituiam monstruosas aggremiações de fracos de corpo, de fracos de espirito, de fracos de caracter, e de fracos de coração; rachyticos, aleijados, idiotas, loucos, nervosos, falsos, pusilanimes e ociosos: — os fortes, então, Senhores, os homens, na bella e completa significação do termo, fomos nós, os simples filhos do **Povo**! *(Applausos)*.

Ah! Senhores, recordo-me neste momento da eloquente pagina de um romance de Alfonso Daudet — *Os reis no exilio*: uma desgraçada princeza, levára incognita a um medico um filho doente; examinado o menino, pedido com franqueza o julgamento sobre sua vida, o sabio declara: «Não póde viver essa creança, porque o seu sangue é o mais fraco, o mais vil, o mais desprezivel que imaginar se possa». — « Sangue de reis, Senhor », replica a inditosa Mãe, confessando a progenie. — « Senhora, torna-lhe o medico, a natureza não distingue o sangue de reis e sangue do homem do povo; e a sciencia ensina que o sangue daquelles é hoje inferior ao destes! » *(Applausos prolongados.*

As culminancias sociaes partiram então do seio das multidões; de facto, forma-se o homem:

« Não com os manjares molles e ociosos»,

na phrase do poeta, não em cochins reclinado, não satisfeitas de logo todas as necessidades, não rodeiado de vis lisonjas. O homem forma-se 'numa lucta continua pelo bem, pelo dever e pela felicidade; e só os homens do povo podem governar os povos. *(Muito bem)*.

É soffrendo do soffrimento popular, é sorrindo da alegria commum, é derramando lagrimas com os infelizes, vendo proxima a molestia e a miseria e a fome; é carecendo lutar pela existencia, comprehendendo o valor real do trabalho e do dinheiro, fazendo-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, uma fortuna, uma reputação, um nome: tonificando o proprio sangue de plebeu no grande oceano do sangue popu-

lar, constituindo-se um orgão desse immenso corpo, uma arteria por onde esse sangue gyre, valvula por onde a vontade geral respire, vivendo da vida de todos, por todos e para todos; sendo « tudo a todos » no dizer do Apostolo, sendo a um tempo planicie pela fraternidade, e montanha pelo predominio do merito e do prestigio, é que se fórma o homem; e mais, o homem, pela sciencia do sentir, pensar e querer popular, capaz de dirigir um Estado. *(Muito bem! Applausos)*

Cidadão, só os homens do povo podem governar os povos! *(Applausos prolongados)*. Não póde levar as nacionalidades pelo caminho da gloria, aquelle que jámais cansou o cerebro no labutar de idéa, ou calejou as mãos no trabalho honrado: *(Applausos)*—eis o theorema politico que a sciencia social tem plenamente demonstrado. *(Applausos)*.

Assim, atravez dos tempos, a monarchia, esse governo de um homem, foi totalmente condemnado. Esse regimen politico, em que um rei, um imperador, czar, sultão, ou schah, etc., com maior ou menor numero de auxiliares, que lhe são ministros ou conselheiros na fórma absoluta, ou ainda senadores, deputados, presidentes de provincia, magistrados, etc., na fórma dita constitucional, commanda ou governa um povo, segundo a sua vontade, ouvindo ou não aquelles a quem da parte da direcção do paiz, e o que representam e não esse paiz, — caracteriza-se principalmente pelo principio hereditario, que não sei eu de que seja mais revelador, si da estupidez ou da indignidade! *(Applausos prolongados)*.

Porque então, Senhores, a minha Patria, isto é, a casa que eu edifiquei, o campo que cultivei, o lar que eu constitui, os antepassados, esposa e filhos; o carreiro que leve á minha aldeia, a campina e a matta, a montanha proxima, *(Applausos)*, o campanario da minha aldeia, que me chama á prece, a minha povoação, a minha cidade, a minha provincia, a minha nação, é propriedade de alguem, como si fosse uma casa ou um terreno, para que se passe de pae a filho? *(Muito bem! Muito bem! Applausos)*.

Porque então, Senhores, é propriedade de alguem a minha patria, o conjunto dos meus concidadãos, homens de trabalho, operarios, ou possuidores; homens do ideal, mestres, escriptores, artistas ou poetas; tudo isto, berço do porvir, tudo que é ido, aspirações e glorias? *(Applausos)*. Não, Senhores, o que ha na monarchia de mais ultrajante á dignidade humana é justamente essa hereditariedade de casta, terrivel leito de Procusto, que inutilisa bellas naturezas excepcionaes de principes, e terrivel cadeia, cujos grilhões não é dado romper ao gigante popular, no isolamento em que fica do governo de sua mesma personalidade! *(Muito bem!)*

Si assim não fosse, Senhores, si uma tal monstruosidade pudesse ser aceita hoje pelo cerebro dos homens, estaria realmente perdida a sociedade, e o desespero supremo inspiraria o desejo da sua destruição em cataclysmos medonhos, em inundações de Amazonas, ou em erupções de Vezuvios! *(Muito bem!)* Mas a infelicidade das nações aggrava-se ainda nesse regimen, com a inviolabilidade, a sagrabilidade e a irresponsabilidade que cercam a pessôa do chefe do Estado. A inviolabilidade e a sagração, ridiculas e illusorias ambas, condensam-se na irresponsabilidade. Esse direito, que é uma aspiração do homem infante, e um dever do homem maduro, a responsabilidade de seus actos, essa gloria e essa honra, não a julgam dever ter os monarchas. *(Muito bem!)*. Quér nas monarchias absolutas, quér nas monarchias constitucionaes, os reis não são imputaveis por suas acções, quaesquer que ellas sejam.

Entretanto, a sciencia politica chegou á conclusão de que governo suppõe confiança absoluta, exame continuo e responsabilidade inteira. Confiar, como, porém, em monarchias, si a irresponsabilidade é a quasi certeza dos desmandos da corrupção ou da tyrannia? Mas como governo, sem essa confiança? Como essa confiança, sem benevolo e cauteloso exame que a inspire e a garanta? *(Muito bem!)*

Portanto, os povos hoje desejam ardentemente, de claro ou explicito modo, a instituição geral da Republica. A Re-

publica, como o diz a palavra, é a cousa publica, de todos, é o governo do publico, dos que vivem numa mesma época, o regimen do bem publico. É o modo de governo, em que um homem, o presidente, ou um grupo de homens, directorio ou conselho federal, com auxiliares, ministros, conselheiros, etc., dirige um povo, segundo a vontade deste, que fixa e determina a vontade daquelle, ouvindo sempre aquelles á quem com esse homem ou esse grupo o povo dá parte da direcção do paiz, e que não o representam, e sim o paiz. A Republica caracterisa-se pelo governo da opinião publica, á qual obedece o magistrado supremo da nação; pela ausencia do privilegio de sua pessoa e de sua familia, pela sua plena responsabilidade; e, de um modo geral, pela liberdade nas relações moraes e civis, pela igualdade perante a legislação, pela fraternidade como principio dominante que approxima pelo amor a politica da moral, e que estabelece a ascendencia desta: pelo respeito ás leis artificiaes, resultantes das leis naturaes; pelo desenvolvimento da instrucção popular, pelo regimen do trabalho e da paz, pela elevação dos fracos, dos desprotegidos, d'essa enorme massa do proletariado, até agora não domiciliada, acampada, sim, na sociedade moderna. *(Muito bem! muito bem!)*

Muito longe de um tal regimen é o do nosso paiz.

Que governo é o nosso, realmente?

Segundo a affirmação geral, somos governados pela monarchia dita constitucional, fazão hybrida entre o privilegio de direito divino e o principio da soberania popular. *(Muito bem!)*

Mas, além de hereditaria, o que é tristemente incontestavel, diz-se ser essa monarchia um governo representativo, e nelle existirem quatro poderes: o legislativo, o executivo, o judiciario e o moderador; e serem todos esses poderes delegações da nação. Sophisma, senhores, e mesmo mentira.

Em primeiro logar, não ha monarchia constitucional. Monarchia e constituição são dous termos que se repellem; a monarchia é a vontade de um rei, uma constituição é a vontade de um povo; ou póde o rei mais que o povo, e então a monarchia é absoluta, ou póde o povo mais que o rei e nesse caso, dia mais dia, menos, o povo elimina-o, tirando-lhe o poder, e mesmo a vida. Desde que existe a hereditariedade theocratica como principio regulador da transmissão do poder supremo, existe absolutismo, porque existe no go-

verno alguma cousa imposta pelo preconceito e não demonstrada pela razão. *(Applausos).*

Quando, porém, fosse possivel uma igual distribuição de autoridade entre o rei e o povo, ainda soffreria este notavel injustiça; porque, Senhores, por mais talento, mais caracter, mais bondade, autoridade, prestigio, serviços, fortuna, que possa ter um homem devotado a uma nação, é possivel que esse homem possua, como por exemplo no caso brazileiro, mais fortuna, serviços, prestigio, autoridade, bondade, caracter, e mais talentos que treze milhões de cidadãos, entre os quaes naturezas de eleição, cerebrações cultas pelo estudo, almas cheias de patriotismo?! *(Applausos).*

Não, toda monarchia é inconstitucional; não, não existe monarchia democratica, essa mesquinha concepção de cerebros enfermos ou de ambiciosos de poder. *(Applausos).* Toda a monarchia é absoluta, desde que o rei é irresponsavel, sagrado e inviolavel; d'outr'arte, isto é, sendo o monarcha violavel, electivo e responsavel, não existe mais monarchia. *(Muito bem! muito bem!)*

Não ha monarchia representativa, porquanto, sendo o principio republicano uma aspiração de progresso latente no seio das sociedades, mais tarde ou mais cedo elle exige orgãos de manifestação, e a nação quer fazer-se representar então por deputados republicanos; e na hypothese, o poder monarchico faz a eleição, sophismando a elegibilidade. Si assim não fôra, o parlamento republicano, representante da nação, transformaria o paiz em republica. Toda monarchia é, pois, absoluta, não constitucional; imperial ou real, não representativa. *(Muito bem!)*

Outra falsidade ensinada pelos doutores do "constitucionalismo é a da existencia de quatro poderes no nosso mechanismo politico.

Poder legislativo! Onde existe poder legislativo, Senhores, num paiz em que, além de intervir o governo em todos os pleitos eleitoraes, tem o chefe do Estado, pela carta constitucional, o direito de dissolver as camaras, sempre que o julgar para bem do Estado?! *(Muito bem!)*

Fazei quantas eleições quizerdes, mesmo com plena liberdade intima e exterior de voto, escolhendo rectamente os vossos eleitos, que, si o chefe supremo da nação, arbitro unico de sua felicidade, julgar bom dissolver a reunião dos vossos representantes, poderá faze-lo sem exorbitar da lei, baseado

na carta fundamental do paiz. Quem, pois é o legislador, sinão aquelle de quem todos os legisladores dependem? Mas esse poder de dissolver camaras eleitas pelo povo é attribuição do poder moderador; mas o poder moderador é exercido exclusivamente pelo Imperador, e o poder exclusivo de um homem é a monarchia absoluta. *(Muito bem! Muito bem!)*

Poder executivo! Onde existe elle num paiz em que o chefe do Estado nomea e demitte livremente os seus ministros?! Qual vontade representam esses ministros? A da nação? Vendo-se-os simples homens sahidos do povo, de sangue vulgar, que não azul, *(riso)* póde-se a primeira vista suppo-los taes. Mas não, elles representam unicamente a vontade do Imperador, e tanto que, quando lhe desagradam, são demittidos; nem mesmo o chefe do Estado tem obrigação de escolhe-los no parlamento, dentre os eleitos do povo; si o imperador quizer escolher um ministro mentecapto, um louco, o que não seria muito estranhavel, *(riso)* poderá faze-lo; ministro já houve, embora homem intelligente, que nem juiz de paz na sua parochia tinha sido: *(riso)* nenhum cargo de eleição popular exercêra.

Mas o poder que escolhe e demitte livremente ministros, é o poder de um homem—monarchia absoluta. *(Muito bem!)*.

Poder judiciario?! Onde se o vio em paiz, em que, ao lado do direito de nomeação que tem o Imperador acerca de todos os cargos da magistratura propriamente dita, cabe-lhe a attribuição de dispensar na propria lei, de revogar a propria legislação criminal?

Vós vos reunis, Cidadãos, em tribunal de jury; julgais com a maxima rectidão um homem; conheceis do facto; dais a vossa sentença; é a expressão da justiça; nem uma linha mais, nem uma linha menos, nessa sentença; pois bem, o Imperador pode destruir a vossa vontade, perdoando o criminoso, ou minorando-lhe o castigo, destruindo mesmo de facto uma disposição penal.

Mas assim o fez pelo poder moderador, e o poder moderador é o poder de um homem, é o poder de um homem é a monarchia absoluta *(Applausos)*.

O poder moderador... que digo! Senhores, poder imperador, poder absoluto, exclusivo, unico, poder dominador! *(Applausos)*.

Neste paiz o chefe do Estado tudo administra, tudo governa: como poder moderador, elle escolhe senadores, convo-

ca a assembléa geral extraordinariamente, sanccione leis, prorôga ou adia a assembléa geral, dissolve a camara dos deputados, nomêa e demitte livremente ministros, suspende magistrados, perdôa e modera as penas, concede amnystia; como chefe do poder executivo, convoca a assembléa geral ordinaria, nomêa bispos, e provê os beneficios ecclesiasticos, nomêa magistrados, provê empregos civis e politicos, nomêa e remove commandantes da força de terra e de mar, nomêa embaixadores e mais agentes diplomaticos e commerciaes, dirige as negociações politicas com as nações estrangeiras, faz tratados de alliança, de subsidio e commercio, declara a guerra e faz a paz, concede titulos, honras, ordens e distincções, expede decretos, applica os rendimentos, concede ou nega beneplacito aos decretos dos concilios, lettras apostolicas e constituições ecclesiasticas. Vêde, Senhores, a carta constitucional politica do paiz; segundo ella, tudo pode fazer o monarcha. Intervém até nos negocios do Papa no paiz, e nesses negocios com elle collabora. E' até meio papa. *(Riso. Apoiados).*

Neste paiz só ha trez cousas que o chefe do Estado não faz, naturalmente porque não quer, porque occupam tempo, e o actual imperador era expedito e rapido: essas tres cousas são: baptizar as creanças, casar os rapazes e as moças, e encommendar os defuntos. *(Hilaridade prolongada).*

Nem se nos diga que, exercendo tantos poderes, o faz o monarcha brazileiro como um delegado da nação. Primeiro, ninguem delegou cousa alguma ao primeiro imperador, e sua acclamação, si foi por graça de Deus *(riso)*, que não sei que intervenha nestas cousas, *(riso)* não o foi por unanime acclamação dos povos; pois não me consta que os botucudos do alto Amazonas e do extremo Goyaz concorressem para uma tal acclamação. *(Hilaridade).* Mas quando assim tivesse sido, uma geração não tem o direito de hypothecar para todo o sempre a liberdade de pensamento e de acção das gerações que se lhe succederem. *(Apoiados).*

Segundo, si tal delegação lhe foi dada, ella lhe foi tirada em 1831; e como lá diz o proverbio *«ninguem dá o que não tem»*, não podia transmittil-a a seu filho. Terceiro, finalmente, porque não ha delegação sem responsabilidade do delegado. Si faço alguem meu delegado, meu representante 'numa ordem qualquer de negocios, é claro que esse alguem só póde manter-se 'num tal cargo emquanto tiver a minha

confiança ; e um direito que me assiste é o de, pela accusação de seus erros, provar-lhe que essa confiança é immerecida. Delegação suppõe responsabilidade e exame. Curiosa delegação é esta, em que, quando o delegante quer provar ao paiz que o delegado é, por exemplo, um louco, um mentecapto, um enfermo, isto é, incapaz de governo, o delegado póde mandar punil-o com vinte annos de cadêa! *(Muito bem! muito bem! Applausos e risos).*

Nós vivemos, portanto, meus Senhores, sob o governo de uma monarchia absoluta. Pela nossa propria constituição, o chefe do Estado é poder discricionario, que não precisa sahir da lei para exercer plenamente a sua vontade. No Brazil, para o monarcha ser despota, não é mister ser usurpador; basta ater-se á legislação politica fundamental.

Legislação politica que nem mesmo é constituição, e só merece o titulo de carta constitucional, porque nós não temos uma constituição no sentido exacto deste termo, um conjunto de leis, expressão da vontade popular: os deputados que a nação enviára á assembléa que devia organizar o seu codigo politico, foram dissolvidos violentamente, diante de armas, pelo primeiro imperador; e o que se nos apresenta como tal foi elaborado conforme seu bello prazer, e por elle mandado que o jurassemos, postas á margem as observações de Frei Caneca e da camara de Itú. Juramos, assim, uma fidelidade obrigatoria ao compendio de poder pessoal, que se chama imponentemente Constituição Politica do Imperio. Este é mais um argumento á affirmação, que já produzi, de que a nossa monarchia não é constitucional.

Portanto, si nem constituição possuimos, como seriamos governo em que, ao lado da vontade real, existisse a intervenção popular, combinação que, de resto, já dissemos ser impossivel?

E não gosaram bem os nossos monarchas dos plenos poderes que lhes dava a lei, acceita pela nossa obediencia? Certamente gozaram. Sobre elles e sobre as instituições

monarchicas calle, conseguintemente, a responsabilidade do estado em que se acha o paiz.

Será bom esse estado? Haverá ahi alguem, por mais amigo que seja das instituições actuaes, que se julgue satisfeito com a situação do Brazil? Não ha. Apezar de tudo, não ha ahi quem tenha o impudor de uma tal hypocrisia; *(muito bem!)* desafio a quem quer que seja a que diga que se sente bem e feliz neste momento em sua patria; o máu estar é geral. Quem não percebe a agitação surda, a revolução latente, que alastra do Norte ao Sul? Quem não se sente em estado anormal, transitorio, quem ha ahi que tenha fé na monarchia brazileira? Ninguem. *(Applausos)*

E' que ella nos póz a patria em um estado realmente desgraçado. *(Muito bem!)*.

Antes de mais, nós somos um povo sem liberdade.

Sim! nós somos um povo sem liberdade; esta liberdade que eu tomo aqui, neste momento, esta liberdade pela qual eu vós falo, pela qual vós me ouvis, pela qual estamos aqui reunidos, não a concedem as leis da monarchia; essa, que é um direito sagrado, é um crime perante essas leis. *(Muito bem!)* Nós é que temos constituido este direito, já agora costumeiro; e delle nos achamos tão fortes, que desafiamos a monarchia na pessôa de suas autoridades quaesquer, a que d'elle nos esbulhe! *(Applausos.)* Porque hoje, note-se bem: não é a monarchia quem tolera a liberdade; é a liberdade, é o Povo quem tolera a monarchia, não rompendo na praça os seus codigos, inuteis, ridiculos, oppressores. *(Applausos)*.

Sim, Senhores, tenhamos a franqueza de dize-lo: profissões de fé republicanas, manifestos republicanos, reuniões republicanas, conferencias, *meetings*, discursos parlamentares republicanos, pamphletos, artigos, tudo está evidentemente fóra da lei, tudo está sujeito á disposição penal.

Neste paiz não se pode atacar as instituições, nem a pessoa do chefe do estado. De mim, não sei mais em que desenas de artigos do nosso codigo criminal estarei incurso *(riso)*; nem solicito a tal apregoada tolerancia monarchica: a um delegado policial de uma cidade maneira, que me contestava a asserção de falta de liberdade com o argumento da minha propria presença na tribuna, convidei-o a não fazer ceremonias, a uzar dos seus recursos para punir-me; affirmei-lhe que na prisão descansaria alguns dias de bôa

vontade, e faria, embora a mais silenciosa, a mais efficaz das propagandas. *(Riso. Applausos).*

A nossa liberdade de pensamento, não está, pois, garantida em lei: ellas estão cheias de artigos para prohibirem até que não se creia na immoralidade da alma. Quem não sabe que si houvesse entre nós liberdade de pensamento o orgão democratico *A Republica* não teria sido apedrejado n'esta cidade? Quem não sabe que si houvesse liberdade de pensamento, um presidente de provincia não teria no Norte obstado a um jornalista o exercicio de sua profissão, e que no Sul não teria sido perseguido e preso outro jornalista de uma folha mineira, pela expansão de suas idéas politicas? *(Apoiados).*

O Sr. Quintino Bocayuva:— Nem o orador teria sido apedrejado na Parahyba do Sul.

O Orador:—Sim, eu não teria sido apedrejado na Parahyba do Sul, si houvesse liberdade de tribuna neste paiz, si não se desse sempre a intervenção governamental para impedir a manifestação do pensamento dos oradores populares. *(Apoiados).*

Nem liberdade de pensamento, nem liberdade religiosa. Eu, Senhores, não sou inimigo da religião, mas comprehendo que ha dous grandes poderes: poder do sentimento, do coração feminino, ou poder da intelligencia, emanado do ensino do philosopho; uma é a força pensante, poder da alma, que consagra e aconselha; outra é a força do braço, poder da energia, que empunha a espada, ou da actividade, que gera a riqueza; *(muito bem!)* uma é a força directora, outra é a força governadora.

Não, nós queremos a superioridade da idéa sobre o facto, do cerebro sobre o braço, da direcção sobre o governo, da igreja sobre o estado; mas essa superioridade só póde existir sem um commando a ambos degradante: com a independencia de ambos, e de ambos o concurso; nós não sustentamos, como S. Magestade Imperial no collegio Caraça, em Minas, a subordinação da igreja ao estado *(apoiados)*; tambem não queremos que o estado imponha nenhuma igreja. *(Apoiados).*

Sabeis porque, Cidadãos, queremos nós essa separação da igreja e do estado?

É para que não continúe a hypocrisia mantida pela lei; é para, quando o cidadão curvar-se genuflexo diante de um

altas, ter-se a certeza de que o faz em nome de uma convicção, e não por mera conveniencia de não parecer contrario ás instituições juradas *(applausos)*; é para na occasião de começar a exercer uma funcção publica, não pôr o cidadão a mão sobre os santos evangelhos, urgido pela verba do orçamento do estado que lhe tocar, e, sim em nome de uma fé consciente e sincera! *(Muito bem!)*

Nós queremos, em uma palavra, liberdade de religião, para não perseguir ministros protestantes, nem mandar prender bispos catholicos. *(Applausos)*.

Essa liberdade, de resto, facilitaria a acceitação de nossa patria por aquelles irmãos de outros paizes que, auzentes da mãi primeira, nella encontrassem, carinhosa mãi adoptiva. *(Apoiados)*.

Por outro lado, não temos instrucção. *(Apoiados.)* A que a monarchia nos tem dado, ou tem deixado surgir, é pouca, e má; nem mesmo foi ainda realmente cumprida a promessa constitucional de instrucção primaria gratuita ao povo. Nunca o governo monarchico ergueu entre nós o magisterio á altura da sua nobre missão; como os padres, os professores não tem sido considerados representantes de um verdadeiro sacerdocio, e sim meros funccionarios publicos, que a monarchia julga por ella pagos, e não pela patria remunerados, e cuja funcção principal ella suppõe ser o suffragio aos candidatos ministeriaes. *(Apoiados)*. Todos sabemos ser pessimo esse ensino primario, que atrophia desde a leitura inicial a intelligencia do menino, seja nos processos adoptados, de mera decoração, seja na quasi nulla preparação didatica e educativa do mestre. No que toca á instrucção secundaria e superior, não constituem prova palpavel e profissão clara da sua má organisação, as reformas continuas porque as faz passar o governo? *(Muito bem!)*.

Nem liberdade de pensamento, nem liberdade de religião, nem instrucção publica:—nem ordem nem administração tambem.

E' certo que possuimos um vasto e bello territorio; esplendida natureza, terra ubere, clima quasi sempre suave; porém territorio mal approveitado, mal dividido, mal administrado, mal representado. *(Muito bem)*.

Não jazem por ventura, ahi, ainda desconhecidas essas regiões enormes, cuja exploração tanto serviria á riqueza publica? Não jazem occultos tantos minerios, tantas cama-

das de materia prima, preciosa ou bruta, mas sempre desenvolvimento á industria, e bem estar ao operario? Não estão os rios desapproveitados para a navegação, abandonados os canaes naturaes, estragados os portos? Não estão, por falta de ensino agricola, as mattas devastadas? Não é ainda a divisão administrativa e politica quasi a mesma dos tempos coloniaes? Pois não vemos provincias demasiado grandes, provincias demasiado pequenas?

Inexplorado o territorio, mal dividido, e portanto, mal administrado. Quem não conhece a dança continua dos presidentes de provincias, homens quasi sempre meros theoricos, da raça doutoral, e ignorantes das cousas da circumscripção que vão dirigir, dos seus costumes, dos seus homens, dos seus meios de prosperidade e mesmo até da sua geographia muitas vezes? Homens, filhos do sul, governando o norte, ou do norte, governando o sul, que fazem do Rio Grande uma idéa pela noção que tem impressa no espirito sobre o Pará, ou do Pará pela noção que tem do Rio Grande?... *(Muito bem!)*

E' isto porém, o que convem á monarchia. *(Muito bem)*. Para ella é mister que nenhum cidadão firme real influencia na terra natal, nem adquira dos seus conterraneos uma grande gratidão prestigiosa; á instituição egoista e usurpadora convem somente a instabilidade geral, para sua unica consolidação e inmutabilidade. *(Applausos)*.

Mal representado o territorio, disse: mal representado quanto ao numero de representados, e quanto ao numero e ás qualidades dos representantes. Porque, meus Senhores, a nação brazileira não se compõe apenas dos homens que possuem duzentos mil réis de renda annual. *(Muito bem!)* A lei berguezocrata de 1879 priva do direito politico de voto a um grande numero de cidadãos, que não podem provar uma tal renda.

Quando a arte politica, subordinada á sciencia social e moral, tem desmonstrado que não a capacidade do dinheiro, e sim a do saber e a da virtude, deve servir de criterio para o gozo da intervenção nos negocios politicos, é que o governo de nosso paiz exige, como condição primeira de patriotismo, que se possua uns tantos mil réis por anno! *(Applausos)*.

Sem duvida o dinheiro é uma força, quando bem disciplinada, aproveitavel ao engrandecimento social. Mas a instrucção, como presumpção a mais aproximada de capaci-

dade, e de moralidade, porque de posse da noção do dever; a idade, como garantia de responsabilidade, principalmente, a mesma moralidade, e o simples facto de pela vida *sui juris* contribuir pelo imposto para a existencia collectiva, são a craveira por onde se deva julgar da admissão do homem á vida publica. *(Muito bem!)*.

Na verdade, Senhores, não ha melhor preparação que esta, para o argentarismo do terceiro reinado; dizer ao homem: provai renda, si quereis ser cidadão! *(Applausos prolongados)*.

Mal representado o paiz quanto ao numero dos representantes:—provincias como o Ceará, enviando oito deputados, provincias como S. Paulo, enviando nove; e mal, quanto ao valor intrinseco d'essa representação. Porque a nação brazileira não póde ser representada por homens que esgotam estações politicas sem nada fazer, falando muito, pouco discutindo, menos resolvendo e quasi nenhum serviço prestando;—porque a nação brasileira não póde ser representada por homens que se engalfinham nos corredores do parlamento, como creanças mal educadas na praça publica;—porque a nação não póde ser representada por homens que se insultam, que se dizem publicamente, e em sessão *augusta (riso)*, os maiores improperios, que se apodam de *ladrão* e *tratante*; que, por uma proverbial versatilidade, votam num dia o pró e no outro o contra, ao aceno poderoso da vontade imperial, que lhes tem nas mãos a dissolução, e portanto a perda da influencia campanaria e do candidatismo dos filhos, afilhados, e netos *(muito bem! muito bem! apoiados)*. Não, o nosso parlamento, cuja condemnação está no proprio nome—parlamento, parlare, falar, falar e falar,—não é a representação da nação brazileira. *(Muito bem! Applausos)*.

Nem as classes progressistas, as que representam especialmente o elemento theorico, pensante, da nossa sociedade, nem as classes conservadoras, as que traduzem suas

tendencias de ordem, se acham satisfeitas com o estado actual de cousas do paiz. *(Muito bem!)* Além do desconhecimento das regiões, do estrago dos nossos portos de mar, somos um povo sem industria fabril e manufactureira quasi, exportamos pouco, tudo importamos do estrangeiro; e são-nos desprotegidos os poucos germens de vida industrial.

E' máo o estado da lavoura, sem braços, victima da escravidão, que não ella e sim a monarchia estabeleceu, obrigada a usa-la como meio de fortuna individual e publica; com trabalhadores que a monarchia não instruio, portanto sem a nitida comprehensão do dever, e na espectativa da miseria, pela concurrencia do colono estrangeiro, e pela luta com o capital a que os dispõem falsos amigos; com retrogados processos do amanho das terras; sem o replantio das mattas; reduzida a cultura ao café no Sul e á canna no Norte; sem que, afinal, 'num paiz essencialmente agricultor, tivesse a monarchia curado da instituição de escolas de lavradores. *(Muito bem!)*. Quanto á industria pastoril, tão apta a muitas de nossas regiões, ainda se acha em estado primitivo: e nem lembrada mesmo a creação de escolas veterinarias.

E' máo o estado do commercio, porque máo o da lavoura, donde emana o maior de suas forças; em crises continuas, lutando tambem com a ignorancia pela falta de aprendizagem especial. Tal é a situação das classes conservadoras na nação brazileira. *(Muito bem! Muito bem!)*

Por outra face, não temos ainda definidos e incontestados os limites com as nações circumvizinhas, e temos eterno permanente com a Republica Argentina a questão do territorio das Missões. Motins, desordens, sublevações diariamente nas provincias; deliberado muitas vezes o povo, sobrecarregado de contribuições, a não mais pagar impostos; o proletariado, principalmente nas cidades do Norte, na miseria e com fome, quando um bom systema de trabalhos publicos poderia tira-lo desse estado. Desordeira a policia, e não existente mesmo em muitos lugares; o Povo sem respeito aos magistrados que, muitas vezes têm sido apedrejados e expulsos violentamente de seus termos; sem respeito á lei: pois já tem entrado pelas prisões, dellas tem arrancado os criminosos e os tem trucidado na praça publica: vêde, Senhores, a bella ordem da monarchia, e o como entre nós, é um governo de obediencia aos codigos; esta nação desesperou tanto das autoridades de seu paiz, que

resolvem-se a retrogradar ao estado barbaro, e fazer justiça pelas proprias mãos. *(Applausos).*

A religião está decadente; humilhados os sacerdotes pela prisão e amnystia dos bispos, e pela sua posição de méros empregados do estado. Os militares estão queixosos, e com razão, pela falta de organização no exercito, pelo máo tratamento continuo, pelo rigor dos regulamentos, e pelas continuadas injustiças nas promoções. *(Applausos).*

Estamos, sobretudo, pauperrimos! O paiz deve muito ao estrangeiro, e aos proprios cidadãos; pedindo todos os dias dinheiro emprestado, pagando sempre juros de emprestimo, e nunca podendo quitar-se de grandes obrigações. *(Apoiados).*

No entanto, houve tempo em que a receita publica era maior que a votada no orçamento; porém em compensação a despeza subia muito além do orçado; os creditos extraordinarios, o esbanjamento systhematico, e o terrivel nepotismo, exhauriam o erario publico: *(Muito bem!)* de certo que este Imperio, como disse um escriptor monarchico, não é mais o imperio do crescente, e sim o imperio do minguante! *(Risa).*

Um paiz que vive sempre a pedir dinheiro emprestado é um paiz pobre; *(Muito bem)* não obstante, só a familia imperial recebe approximadamente dous mil contos annuaes. Mas 'num paiz, em que recebe o chefe do Estado oitocentos contos de réis por anno, quando por mais que 'nelle um homem trabalhe, em profissão das mais remumeradas, não consegue, da maioridade á velhice, annualidade superior a uma trintena de contos de réis, a menos que possúa capitaes accumulados e rendosos; 'num paiz em que se realiza uma tão injusta anomalia, entre o ganho do simples cidadão, e o dote do governante, não póde de modo algum ser equilibrada a sua situação financeira. *(Muito bem! muito bem!)*

Não, porém, sómente oitocentos contos ao chefe de Estado. Um monarcha, meus Senhores, é um homem diverso dos outros homens; é-lhe azul o sangue, quando o dos vulgares é vermelho; *(rizo)* é em tudo sempre excepcional. *(Rizo).* Por exemplo, convidados a ceremonias solemnes, uzamos nós outros da nossa melhor cazaca, do nosso *paletot* mais novo, da nossa bluza mais aceiada; mas um rei, não, sem uns calções á antiga, e sem uns papos de tucano, *(rizo)* não está decentemente vestido. *(Rizo).*

Por exemplo, nós outros, simples mortaes, preoccupamo-nos, ao fixar o casamento, ao estabelecer a familia, com o sustento da esposa e dos filhos. Quanto a um rei, não, não sustenta a mulher; si fôra permittida a polygamia, quanto mais mulheres tivesse, mais dinheiro teria. *(Rizo. Muito bem).* Pois não somos nós os que sustentamos a esposa do Imperador do Brazil? *(Rizo).* O Imperador recebe oitocentos contos, mas a Imperatriz possue uma dotação especial de noventa contos. *(Muito bem!)*

Por exemplo, faz-nos pensar ainda, a nós outros, o grande augmento da prole, pela difficuldade do seu sustento, da sua educação, e de mil outras exigencias que o dinheiro auxilia a satisfazer. Quanto a um rei, não; quanto mais filhos possue, mais rendas terá. *(Rizo).* Pois não cabe entre nós, a cada principe que *nasce, desde logo*, a annualidade de seis contos de réis para alimentos? Nosso monarcha não sustenta os filhos *(rizo)*, como não sustenta a mulher; *(rizo)* somos nós que lhe mantemos a familia... Quinhentos mil réis ao nascer... para ama de leite, naturalmente... Hão de concordar, senhores, que a quantia deixa margem para economias bem boas! Quinhentos mil *réis de leite*! E' muito leite! Já me admira como não está este paiz *transformado* em uma *via lactea*. *(Hilaridade prolongada).*

A Princeza Imperial tem uma dotação *especial* de 150 contos; os principes esposos têm dotações *especiaes*... Não ha muito mandou-se entregar a um d'elles, o Sr. Duque de Saxe, uma enorme dotação indevida... Ao Sr. Duque de Saxe, que maldisse sempre dos brazileiros. Não nos podia supportar com os nossos *feijões*, dizia, Sua Alteza; desprezava os nossos feijões, mas amava os nossos *nikeis*... *(Rizo).* —Os professores dos principes são tambem *pagos pelo* Estado; os reis não educam os filhos, ainda somos nós que fazemos essa despeza. *(Rizo).* Como endireitar, pois, as finanças da nação, no meio de um tamanho e tão injusto esbanjamento do dinheiro que *o povo* ganha? *(Muito bem!)*

E não ha modo, meus Senhores, de fazer economias neste sentido. O proprio Imperador não teria coragem nem abnegação para reduzir a alta *somma* que lhe é destinada pelo Estado; fôra confessar que até aqui tem recebido *demais*, o que abalaria a magestade do throno. *(Rizo).* Além disso, seria facil de prever a terrivel opposição da familia... *(Rizo.)* E fosse algum deputado patriota ao

parlamento propôr uma reducção nestas quotas empregadas no goso privilegiado de uma familia, que soffreria logo a accusação de querer pôr abaixo as instituições...

« Pois que! diriam... quereis amesquinhar o throno? Pensais que um monarcha é um pobre diabo que precisa saber quanto gasta, e calcular o que gasta? Pensais que se deve pôr limites á sua vontade de gastar? Não: um monarcha nem deve ver o dinheiro; tem para isso um mordomo; é um ser raro, empre escoltado, sempre irresponsavel, uma criança caprichosa a que o Estado serve de ama secca... *(Riso)* Seria abater as instituições, e alimentar a *hydra da anarchia*, querer limitar as despezas de um rei... um soberano não tem obrigação de saber a conta de sommar; basta-lhe conhecer bem da subtracção;... alguns ha que sabem a conta de juros... mas são raros... Não, Senhores, diria algum defensor das instituições, seria tirar o prestigio, a magestade do throno, diminuir-lhe a dotação... » *(Muito bem! Muito bem).*

E realmente, não deixaria de ter razão o dymnastista que tal sustentasse. Regimen de ficção, só pela ficção se sustenta a monarchia, e para essa ficção é mister o luxo, a illusão continua, o apparato, o ouro. De accôrdo... mas, então, como somos um povo muito pobre, e a monarchia é um regimen muito caro, conclue-se que nós não podemos sustentar a monarchia... *(Muito bem).* E' o caso de dizer: sim, Senhores, a monarchia é muito boa, mas é muito cara, não é para nós... Contentar-nos-emos com a Republica, que não presta, é verdade, mas que é o que podemos possuir, porque é mais barata... *(Riso. Muito bem).*

Não é só em dotações enormes á familia imperial que se vai o nosso dinheiro... A monarchia tem ainda outras exigencias, que custam alto preço. Por isso que *nós somos* um *imperio*, que somos governados por um *monarcha*, um *soberano*, um *imperador*, um *hereditario*, um *inviolavel*, um *sagrado*, um *impeccavel*, um *defensor perpetuo*, um *constitucional*, um *incorruptivel*, um *immortal*, sabio, astronomo, Marco-Aurelio, Alexandre, poeta; um doutor universal, como o da Comedia de Molière, ao qual falta unicamente— si lhe falta—o dom de não adoecer, nem morrer,—por isso que temos essa suprema honra e essa felicidade suprema... (Riso) carecemos de uma grande representação no estrangeiro... legações, embaixadas, e quanta cousa mais, nem o sei!

Pois que somos um *mysterio*, uma *grande noção*, onde se acha o *gigante de pedra*, paiz do Amazonas ao Prata, e outras puerilidades que uma litteratura official ingenua, e por vezes soporifera, introduzio havemos de manter no estrangeiro, e principalmente nos paizes europeus, diplomatas cuja missão especial seja dar festas aos potentados, e uma legião de addidos, rapazes que em regra possuem a arte unica do bem vestir, delegados dos almanzes parisienses, e não da nossa soberania, alguns dos quaes, filhos de velhos diplomatas, jámais viram o Brazil, e nem mesmo conhecem a lingua do paiz que dizem representar... *(Muito bem! muito bem!)*

Mas que querem, Senhores? tudo isto é preciso, porque nós somos o *Imperio do Brazil*... *(Riso)*. Será preciso um dia dizer com franqueza que este *Imperio do Brazil*, de que tanto enchemos a bocca, é um fetiche de palha, que pode cahir ao primeiro empurrão, um pobre e desgraçado paiz, sem liberdade religiosa e de pensamento, sem instrucção, sem administração, sem justiça, e acima de tudo sem dinheiro algum, um pobre diabo que anda a contrahir emprestimos diariamente! Será preciso que digamos um dia ás nações amigas: nós não temos dinheiro, a monarchia nos arruinou inteiramente as finanças; não podemos manter o luxo de uma tamanha diplomacia. *(Muito bem! (Muito bem!)*

Nós precisamos, meus Senhores, ter a modestia de dizer que somos muito fracos, uns pobretões... *(Muito bem! Muito bem...)* mas que em compensação podemos declarar aos taes... aos astronomos, aos sabios, aos inviolaveis, aos Marco Aurelios, aos heróes, aos immortaes, que podem ir tratar de outro officio... que nós mesmo nos arranjaremos, nós mesmos nos governaremos... *(Muito bem, muito bem; applausos)*. Si, portanto, a monarchia exige toda essa diplomacia, e se isso é dispendioso, conclue-se que ella não é para nós;—a monarchia será muito bôa, mas é muito cara... não nos pode servir. *(Muito bem!)*

Commissões inuteis, ainda, á custa do Estado, para que uns rapazes sahidos das academias, e de clientela duvidosa, divirtam-se um pouco, estudando a maneira de fazer bancos para escolas nos Estados-Unidos *(riso,)* ou o desenvolvimento dos telegraphos na Allemanha... (qualquer paiz se presta a taes commissões), tendo a *obrigação* de apresentar um relatorio do que estudou, relatorio cuja impressão corre

por nossa conta;... ainda, publicações solicitadas nos jornaes para a defeza do governo, e mil outras cousas, claras umas, secretas a maior parte dellas, exgotam o dinheiro da nação.

Decididamente, Cidadãos, é irremediavel a situação financeira do Brazil dentro da monarchia; *(muito bem)* deixai que os *pseudo-estadistas* se dêm tratos á imaginação para o supposto equilibrio dos seus imaginosos orçamentos; não será com as aguas do Amazonas, que de um momento para outro pagaremos as nossas dividas, nem as folhas dos arvoredos correm como cédulas de banco. Num paiz em que uma familia privilegiada e pobre, quer muito dinheiro, despertando a mesma ambição em todas as outras familias por ella privilegiadas, creando uma oligarchia insaciavel,—não ha meio de remediar as finanças... Uma industria não se inventa de um dia para outro; e o systema de economias é absolutamente impraticavel *num tal regimen*. E' minha crença que o Brazil está irremediavelmente perdido quanto a finanças, dentro deste governo de proteção escandalosa, de esbanjamento, de lucro immoderado, do luxo, de verdadeiro assalto á fortuna publica... *(Muito bem, muito bem)*.

Eis a traços largos, Cidadãos, a situação da nossa patria. Quaes os responsaveis por toda essa paralysia das forças de uma grande e futurosa nação? Seus monarchas, principalmente. Sim, porque, afinal, era nas mãos d'elles que residia de facto e de direito o poder supremo. *(Apoiados)*.

De 1500 a 1822 tivemos por soberanos os reis de Portugal; de 1822 até hoje dous imperadores.

Os reis... Que fizeram? Colonisou-nos D. Manoel com degradados, e plantou em nosso solo a arvore maldita da escravidão, duro legado, condemnação eterna ao nosso egoismo, só perdoavel pelo generosidade da raça negra. *(Muito bem)*. No tempo de D. Sebastião, um governador, o Dr. Antonio Salema, aniquilla quasi toda a nação dos tamoyos, indigenas que se poderia talvez approveitar para o trabalho. Felippe II, por um fófo orgulho de nobiliarchia, nega a Roberio Dias o

título de marquez das Minas, a quem, por simples satisfação á uma desculpavel vaidade, nos doaria talvez enormes riquezas. Felippe III recusa-se a auxiliar Fernandes Vieira no combate aos hollandezes, que se haviam apossado de nossa terra: de sorte que a um homem, só, sem apoio do seu rei, deve-se a nossa independencia colonial! Enriqueceu D. João V *aos* que o cercavam com o ouro da provincia de Minas, emquanto jaziamos na miseria.

D. Maria I é para nós o corpo de Tiradentes, cahindo do patibulo, repartido pela sua generosa terra, e fazendo germinar em todas as almas a invencivel aspiração de liberdade. *(Muito bem.)*

D. João VI arruina o nosso thesouro, trahe as promessas juradas de concessões á vontade popular, opprime barbaramente os patriotas de 1817, por meio de uma cruel commissão militar, e pelos horrores da alçada de Bernardo Teixeira... *(Muito bem).*

Os imperadores... Pedro I é a traição ao proprio pai, a independencia feita de sua parte por mera ambição, a ingratidão para com José Bonifacio, o despotismo para com a nação que o acolhera, a abdicação forçada, em bem da honra nacional. *(Muito bem! muito bem!).*

D. Pedro II... Meus senhores, eu não sou dos que dizem que o Sr. D. Pedro II foi um grande cidadão, o primeiro cidadão brazileiro... *(Muito bem!)* Analysado com imparcialidade historica, Pedro II foi um chefe de estado que quasi nada de util fez... Sua politica foi fraca para garantir o nosso futuro de nação livre, e ao mesmo tempo fraca para garantir o seu proprio throno. As forças da nação desenvolveram-se espontaneamente, mas sem merito nem responsabilidade por sua parte, de um progresso para o qual nada collaborou, e que não podia impedir, ainda que o quizesse. *(Muito bem!)* Seu governo foi o de um ambicioso infantil: começa no *quero já, quero já*, com que declarou o desejo de desde logo reinar, e termina nessas palavras *obrigado*, MEU POVO, *(ameu povo!* o suprema ignominia e suprema affronta!) *(applausos) eu voltarei breve*, com que se despediu, ao partir do Brazil, na retirada de Julho.

...Não foi sabio, como disseram alguns; nada prova o facto de ter dito isso um ou outro estrangeiro; era a delicadeza natural para com um hospede importante; *(muito bem!)* de resto, nós sabemos como esses elogios são ás mais das

vezes feitos. Nenhuma prova deu de muito saber; nas conversações era o unico que falava, e não se lhe podia fazer perguntas: é cousa contra o ceremonial do Imperio... *(Riso)* dizia o que queria e ninguem o contradizia... Não escreveu nenhum livro, não fez nenhum discurso importante, não inventou cousa alguma;... instituiu, sim, o pedantismo scientifico: seu empenho foi bacharelar e doutorar o paiz. *(Muito bem.)* Não foi artista: escreveu ás vezes versos errados, que produziam sobre o povo o effeito de litteratura comica: faziam rir. *(Riso.)* Nada reformou, nada emprehendeu. Declarou guerras, porém nellas jámais batalhou, a não ser na comedia de Uruguayana. *(Riso)*. Não firmou nossa amisade e paz com os povos visinhos; creou mesmo a má vontade entre o Brazil e as republicas do Prata; seus jornaes as chamavam sempre *republiquetas*, desordeiras, que viviam em revoluções, lançando sobre ellas a antipathia e o ridiculo. Administrou mal, deixando pobres as provincias. Não preparou a abolição da escravidão, enganou a lavradores e a abolicionistas. *(Muito bem.)* Como homem particular, creou-se uma reputação dubia, despresou os homens de sua patria, e maltratou os amigos, que os teve, alguns bem dedicados...

Sim, tenhamos franqueza em dizer a verdade inteira. Imaginemos por um momento que seja exacto tudo o que a favor do Imperador diz a benevolencia sentimental, o espirito de cortezanismo, ou a falta de ponderação. Sim: foi um sabio, um poeta, um *turiste*, um politico, um reformador, um emprehendedor, um guerreiro, um estadista, uma bondade encarnada em homem;—mas quanto tempo governou? Meio seculo.

Teve obstaculos á sua vontade omnipotente? Não os teve. E si os teve, quaes foram os que diante de seus desejos se não curvaram, tanto mais quanto essa vontade unica tinha o apoio da lei constitucional? Não teve obstaculos: não houve quem se lhe oppuzesse. E o que fez? E' bom o estado do paiz? Satisfaz tudo isso que ahi está? Esta é que é a questão. *(Muito bem! muito bem!)*

Como pelos resultados é que se avalia a força dos homens, e como os resultados do segundo reinado são os mais desastrados, podemos affirmar a nullidade politica do segundo Imperador. Tenteou apenas as cousas. Póde ser que tivesse muito boas intenções; mas lá diz o proverbio: « de boas intenções o inferno está cheio »...

Entretanto, D. Pedro II teve a seu lado bons auxiliares, dedicações cheias de patriotismo, que lhe asseguraram o throno e mantiveram a unidade nacional... Affastava, porém, de si, os bons, para approximar quem a tudo se lhe sujeitasse. Sabe-se que sua divisa foi *corromper para reinar*; corromper tudo: intelligencias, pelo sophisma das theorias... elle era *republicano*, elle era *pensador livre*, elle era *abolicionista*.. *(Riso)*, corromper caracteres e corações. Arteira e manhosamente, exorbitou dos limites constitucionaes, já de si falsos, e que davam-lhe largas, não á justa ambição do poder, e sim á infantil preoccupação, de em tudo immiscuir-se, de tudo reger, tudo administrar.

Quem não sabe a existencia d'esse terrivel poder pessoal egoistico *(Muito bem)* dessa tyrannia, a peior das tyrannias, porque com a apparencia do legalidade? tyrannia, que, por não vibrar o punhal, não dava occasião ao grito de dôr ou de revolta da victima, mas que asphixiava sob a pressão do cansaço, do abatimento, do exgotamento de forças?! *(Muito bem, muito bem)*. Quem não sabe que o imperador era um homem caprichoso, inimigo medonho, quando com alguem quigilava, podendo esse julgar-se em seu paiz em condicção peior que a de um estrangeiro, pois estava condemnado ao ostracismo da vida politica, e do serviço publico?! *(Applausos)*. E a sua clemencia?... Que falem dessa clemencia os sacrificados de 35 a 45 no Rio Grande do Sul, as victimas das duas revoluções de 42, provocadas pela sua precoce ambição de *mandar*, o corpo de Nunes Machado banhado em sangue, e Pedro Ivo não perdoado... *(Applausos)*.

A tendencia para o poder absoluto é, demais, fatal em todos os monarchas; e favorece-a em nosso paiz a Carta Constitucional. Pedro II obedeceu a uma lei de sua organisação individual e de sua familia, como individualidade de *soberano*, pertencente a um agrupamento oligarchico e dynastico. O exercicio do poder absoluto necessariamente desenvolveria nelle, e sempre a mais, a ambição sem limites e anti-social de tudo pesquizar, para tudo gerir. *(Muito bem)*.

Os doutores constitucionaes podem á vontade tecer sophismas para nos provarem a existencia de um monarcha impassivel, entidade serena e abstracta, acima das fraquezas dos homens e dos partidos. Não ha « monarchas constitucionaes », porque quem tem pelo simples facto de ser monarcha o direito ao predominio de sua vontade, excusa-se de obedecer ás constituições, que são obra da vontade popular. As frioleiras de que « *o rei reina, mas não governa, de que reina por graça de Deus, e unanime acclamação dos povos, de que no rei o individuo é absorvido pelo homem publico* » e quejandas, estão julgadas perante a sciencia, e perante o bom senso popular. *(Muito bem.)*

Pois *não reina, não governa, e não administra*, um homem que tem as attribuições que lhe dá a nossa legislação politica? que nomeia e demitte livremente ministros? que dissolve Camaras? que provê a todos os cargos?

E, tratando-se de Pedro II, quem não sabe o seu espirito de minucia até a frivolidade, que o fazia uma chronica brazileira da vida alheia, e o seu gosto pelo governo, desde a maneira por que se ensinava o credo nas escolas, até o modo por que procediam as camaras municipaes em relação ao asseio dos padrões de pezos e medidas? *(Muito bem!)*

Seria ingenuidade imbecil, ou criminosa má fé, affirmar que no imperador do Brazil o *individuo fosse absorvido pelo homem publico*, de modo a torna-lo sempre perfeito e impecavel. Si assim fosse, elle teria sido uma aberração da natureza humana. Um rei, Cidadãos, é um homem como outro qualquer: tem horas de alegria e de soffrimento, de bem estar, de mau humor; é capaz da amisade, como do odio, da falta de serenidade, da violencia, do maior egoismo, da maior exaltação das paixões. *(Muito bem.)* Não podia fazer excepção a esta regra o Sr. D. Pedro II.

Um monarcha é sempre uma vontade imperiosa e unica: e na situação social brazileira, e com as nossas leis, outra cousa na verdade não podia ser o imperador do Brazil. Já que a carta constitucional, aceita por nós passivamente e por uma culpada tolerancia, dava-lhe todo o poder, não é sómente o uso desse poder pessoal absoluto que se lhe censura, mas principalmente o máu emprego que d'elle fez. Sim, já que o monarcha era omnipotente, que fosse ao menos um bom monarcha, embora abertamente absoluto. Tem, no minimo, esta vantagem a monarchia

despotica sobre o regimem constitucional civado de soberanias reaes: é um governo de franqueza, que dá o dever da gratidão do povo que comporta e aceita feliz um tal protectorado, ou o direito da revolta ao que não o soffre, e infeliz, mas altivo, clama contra a prepotencia de um tyranno! *(Muito bem! muito bem!)*.

Não se appelle para o governo da Inglaterra como prova da possibilidade de um monarcha constitucional. São ignorantes da historia os falsos doutores que desconhecem assim a philosophia dos actos politicos da humanidade. Porque, Cidadãos, não ha semelhança alguma entre a nossa e a constituição politica da sociedade ingleza, já nos antecedentes, já no momento de hoje. O governo da Inglaterra não é, afinal, uma monarchia, e sim uma olygarchia. A politica ingleza seguio rumo diverso do da franceza, italiana, hespanhola, e pois do da portugueza e brazileira.

Primeiro, na Inglaterra, das tres forças,—a realeza, a nobreza e o povo,—foram estas duas ultimas que se ligaram contra aquella, abatendo-lhe o prestigio e o poder: foram os nobres que impuzeram a *Magna Carta*, o codigo inicial das liberdades inglezas; e d'ahi por diante, e mui acentuamente depois da revolução de 1688, a soberania real tornou-se quási ficticia: por tal, é que eu digo que a Inglaterra é uma oligarchia, um governo de nobres.

Em segundo logar, ha naquelle paiz um conjuncto de leis livres, escriptas umas, gravadas na consciencia popular e nos costumes outras, que tornam toleraveis as instituições inglezas; leis filhas de uma longa tradição, e religiosamente respeitadas por um povo amante da sua personalidade como nação, e cioso das suas creações politicas e sociaes. *(Muito bem.)*

Não foi o que se deu na França, nem nos paizes chamados da raça latina. Em França, o poder real juntou-se ao povo contra a nobreza. Luiz XI inicia o combate aos senhores feudaes, e Luiz XIV fixa a unidade territorial e a integridade politica; a nobreza, através dos tempos, vai soffrendo abalos profundos, até o 10 de Agosto da Grande Revolução. Foi o que se deu tambem no Brazil: a realeza obteve o assentimento tacito do povo, até hoje, embora os protestos ardentes que bem symbolizavam a vontade nacional. Jámais houve entre nós uma nobreza que pudesse compensar, por sua vontade poderosa, a omnipotencia da vontade impe-

rial — d'ahi a impossibilidade de um monarcha constitucional. *(Apoiados).*

A monarchia no Brazil foi, é e será sempre absoluta; e n'outros paizes, quando *constitucional*, ou é um simulacro de monarchia, um governo realmente republicano, de paiz pequeno, facilmente administravel, que não possa despertar a ambição de um grande dominio, como é o caso dos Paizes Baixos, — ou é em realidade uma oligarchia atrazada, tendo como orgão submisso um chefe de dymnastia, como é o caso da Inglaterra. *(Muito bem.)*

Ou não foi, pois, constitucional o Sr. D. Pedro II, ou não era constituição isso que ahi existe, assim chamado. Uma cousa ou outra. *(Muito bem! muito bem!)*

Afinal, o monarcha ficou inteiramente perdido para o serviço da nação. Cançado de um reinado longo e difficil, que tornou mais penoso pela preoccupação da minucia e da intriga partidaria, e pela memorisação de retalhos de erudicção scientista, os ultimos dias de seu reinado, occupados em excursões tumultuosas (força é dize-lo, qualquer que seja a magua que a piedade natural inspire) — revelaram pela leviandade dos ditos, e pela irritação dos modos, grave perturbação do seu estado mental. *(Muito bem).*

Meus Senhores, isto pode ser doloroso, mas está hoje na consciencia publica como verdadeiro; e, porque havemos nós de encobrir a verdade da insania do imperador, si da declaração dessa verdade resulta o modo por que tomaremos nossas providencias, afim de evitar o que já hoje ninguem quer, — o terceiro reinado? *(Muito bem.)* A permanencia do imperador na Europa, no meio dos boatos constantes aqui de insania ou de abdicação, sua despreoccupação quasi completa dos nossos negocios, a mudança na direcção politica do paiz, seus ditos levianos acerca dos homens condecorados do Brazil, que appellidou *loucos soltos... (riso)* — notem bem —, o imperador chamou aos condecorados *loucos soltos...*, a vida que conduzia em Cannes, *fazendo* litteratura provençal, a entreter-se com bagatelas, alimentando em festas pueris um

resto de curiosidade, tudo levava a crer estar o velho rei perdido para a vida publica, tendo cahido em uma phase comatosa, de um abatimento cerebral incuravel, depois da phase da agitação.

Pois não é disto prova, além dos factos indicados, a sua presença, como presidente, a uma sessão de accionistas da empreza do canal do Panamá, avigorando assim um tal emprehendimento, fazendo subir as acções da respectiva companhia, quando o certo é que, no ponto de vista brazileiro e americano do sul, elle só pode ser desfavoravel aos povos banhados pelo Atlantico, que ficam privados do commercio que então seguiria pelo Panamá para o Pacifico? (*Muito bem!*)

Nem creio que, segundo dizem os telegrammas officiaes, minorasse-lhe os soffrimentos a lei da libertação dos captivos; tudo faz crer que o Imperador estava então inteiramente de tudo despercebido; de resto, elle não podia ser inteiramente favoravel a essa lei, ou pelo menos ao seu rapido processo de confecção. Pois o Imperador foi sempre escravocrata, pela delonga que firmou na solução do problema servil: que melhor prova que a que fornece a retirada do gabinete Dantas? Pessoalmente mesmo, Sua Magestade foi connivente directo com a escravidão; Sua Magestade possuia escravos... pois os captivos de sua fazenda... Sim, porque o imperador do Brazil era fazendeiro... (*riso*) possuia a fazenda de Santa Cruz... depois é que desprezou os collegas, e abandonou a classe.. (*riso*) os captivos da imperial fazenda só foram libertos por occasião da guerra do Paraguay, e ainda assim, sabe-se, com relutancia de Sua Magestade, a pretexto de que esses escravos não lhe pertenciam, e sim á nação. (*Riso; muito bem!*)

Afinal, demente, afinal, irresponsavel! Que triste cousa, e que lição tremenda, Cidadãos! A irresponsabilidade de direito, tornada irresponsabilidade de facto! Terrivel logica da historia! (*Applausos*). Irresponsavel! Mas, emfim, cumpriu-se a vontade constitucional... Triste situação a desse homem que aceitou desde criança em nosso paiz um parallelo de vida com os inimputaveis pela legislação... Porque, Cidadãos, seja dito de passagem, mas como observação que pede reflectimento: — ha pelas nossas leis tres classes de irresponsaveis: — os menores, os loucos de todo o genero,

e... o monarcha... (*Riso. Applausos*). Isto por si sentencia a monarchia brazileira... (*Muito bem!*).

E o que nos promette D. Izabel? Uma senhora de espirito ignorante, fragil e futil, educada pelo marido no carolismo de sachristia, não na religião, e em saraus burguezes; a esposa de um Orleans e a filha de um Bragança, de uma casa de argentarios, sem excepção, e de uma casa de pobres de espirito e de ambiciosos de poder? Nada, absolutamente nada. (*muito bem*). Senhora que nem é apta para o governo de uma casa em rigor; pois falta-lhe a circumspecção da modesta *menagère*, da dona de casa, a grande educação moral da *nidi*; estando seu pai doente, á morte, e fóra da patria, estando a nação em difficuldades, passava dias em folguedos de carnaval, em *batalhas de flores*. (*Muito bem!*) O seu sexo lhe é mesmo o primeiro obstaculo á posse das qualidades de governo. Todo o mundo sente a sua inaptidão para a direcção de um estado, grande como este, como este convulso, como este sobre o vulcão de uma revolução imminente, si não se operar a transformação da ordem politica. (*Muito bem!*)

Durante sua regencia nenhum acto notavel a faz credora de uma tão desejada gratidão. O titulo de *Redemptora* que se lhe deu aulicamente, não corresponde a uma verdade, sinão a uma cortezia á custa da justiça historica. (*Muito bem.*) Porquanto todos nós sabemos que a *Redemptora* divertia-se, emquanto na cidade da Penha do Rio do Peixe morria uma autoridade sua em nome da abolição da escravidão; que a *Redemptora* mandava rapar a cabeça dos pretos e pega-los pelo nosso exercito; que a *Redemptora* mandou mata-los na serra de Cubatão; todos nós sabemos que emquanto dava-se a comedia do esconderijo dos captivos em Petropolis, a *Redemptora* mantinha o escravocrata gabinete Cotegipe (*applausos*); e sabemos ainda que determina actualmente a dura e prejudicial medida do recrutamento dos pretos: depois de os ter liberto, coacta pela nação, quer força-los ao serviço militar. (*Muito bem!*)

Temos então redempção, ou recrutamento? (*Riso. Applausos.*) Senhores, eu creio que este nome de *Redemptora* não deve de ser aceito e sim substituido por outro... Todo o mundo sabe que estas denominações a soberanos devem corresponder a uma verdade incontestada; assim é que não se póde suppôr cabelludo como um merovingio, um Carlos o Calvo, nem magro, um Affonso, o Gordo, nem inimigo da

agricultura, um D. Diniz, o lavrador... Mas no nosso paiz ha muita gente que impugna a denominação de *Redemptora* dada á senhora D. Izabel. Num ponto, porém, estamos todos de accordo; é no talento unico de Sua Alteza para festas.. Neste pormenor sua invenção é rara... São batalhas de flores, flores de batalhas, saráus, entrudos, concertos (tão necessarios para este desconcerto geral dos negocios publicos!) bailes, e quanta cousa mais, não sei! (*Riso; muito bem.*)

Comprehende-se que isto perturbe muito a gerencia das cousas do paiz, podendo dar-se a hypothese de conversar o ministro sobre nomeações e a soberana sobre gelados... (*riso*), sabe-se o quanto custam as festas ás donas de casa: o desarranjo do serviço domestico... (*riso*); mas isso em nada influe para que se negue á senhora condessa d'Eu o talento excepcional para os folguedos de todo o genero. É por isso, Senhores, que sem a intenção de malicia ou de offensa, eu proporia para a princeza regente do Brazil o cognome de *festeira... Izabel, a Festeira!* — perfeitamente combinado! (*Riso. Applausos.*)

Quanto ao seu curioso marido, o Sr. Conde d'Eu, que todos presentimos será o verdadeiro chefe do Estado, embora ultimamente cubra-se por uma penumbra de reserva que faça apagar esta verdade, seria uma ignominia nacional a sua assumpção ao throno brazileiro, na pessoa de sua esposa. (*Applausos*). Esse nome recorda uma familia de principes candidatos a thronos, desalojados do poder pelo novo espirito do seculo, na nação franceza, que os expellin. Para que recordar, Senhores, o que seja essa familia privilegiada? Quem não sabe que os Orléans, que mais de uma vez têm posto em perigo os dias da França, são em sua origem um duque, corrupto a mais não poder ser, sonhador de uma revolução para seu paiz igual a do 1688 inglez; um Felippe Egalité, devasso e prodigo, incapaz de aceitar um throno que alguns membros da Assembléa Constituinte pensavam dar-lhe; um Luiz Felippe, burguez, pseudo-democrata, falso pensador livre, que occultava-se quando os partidarios por elle se batiam, mas que desmascarava-se quando rei, e cuja politica foi o eleitorado de renda, o parlamentarismo de maiorias artificiaes, de impecilios ao commercio, ao trabalho, a politica do dinheiro... e afinal um duque de Nemours, que conservava os postos no exercito francez e tentava abater a

Republica na ascenção e na quéda de Thiers? (*Muito bem! muito bem!*)

O Sr. Conde d'Eu é um francez repellido da propria patria, um forasteiro vulgar, embora feliz. Simples tenente, teve a dita de arranjar o bom negocio do casamento com a princeza imperial do Brazil, e, de raça de usurpadores, não obstou-lhe os sonhos ambiciosos a existencia desses artigos 120 e 125 de nossa Carta Constitucional (*Muito bem*).

E' um homem mal dotado por qualquer face que se o considere; sem ponderação, sem maneiras, máo o aspecto, defeituoso, aristocrata de tradição e de familia, confundindo uma familiaridade grosseira de quem suppõe-se superior, com *democracia*; mesquinho, tanto que é publica a sua especulação de locação de casebres aos miseraveis (*muito bem, muito bem*), o aluguel dos *cortiços*; homem que tem por meio a intolerancia, e por alvo a guerra. (*Muito bem*).

Para prova, cidadãos, vêde a sua brutal interrupção á lição de historia d'um professor brazileiro, e o seu voto em conselho de Estado para que a questão das missões com a Republica Argentina se salvasse pela guerra. (*Muito bem*). Sim! o Sr. Conde d'Eu votou pela guerra como solução dessa questão: seu desejo é militarisar o paiz em proveito de suas glorias, continuando a usurpação já começada pela acquisição dos altos cargos de exercito, tendo aqui chegado, entretanto, simples tenente... (*Muito bem*).

Si a monarchia é, em si, senhores, uma instituição condemnavel, e condemnada, si o estado em que ella poz nosso paiz é um estado de desespero e de abatimento, si os monarchas que nos têm governado têm quasi exclusivamente feito o mal, si a lei fundamental que nos rege é má, como tudo parece-me ter demonstrado, abusando em muito da vossa attenção (*não apoiados*), porque razão continuaremos nós a sustental-a no Brazil?

Ella não nos póde mais garantir a ordem, sómente alimentar a retrogradação e a anarchia; ella não nos póde mais dar progressos, e sómente mudanças que virão perturbar mais o nosso já tão convulsionado ambiente politico. (*Muito bem*).

Si ao menos tivessemos um monarcha que mantivesse o equilibrio de um tamanho estado, que pudesse harmonisar tantos interesses, satisfazer a tantas aspirações, dar validade a tantas necessidades de ordem e de progresso, podiamos to-

lerar a monarchia ainda por algum tempo, em nome da estabilidade, da paz, do receio de mudança... Não o temos. O que se nos apresenta para substituir o segundo imperador é o Sr. Conde d'Eu e a Sra. D. Izabel...

E' esse terceiro reinado, contra o qual felizmente o paiz inteiro se revolta, e que se nos afigura a todos triste época em que, ao lado da desordem administrativa, da orgia financeira, e da politica corruptora, caracteristicos do governo do imperador moribundo, teremos a oppressão material do militarismo, obrigado aos militares, e do argentarismo, inspirado aos capitalistas, personificados ambos no Príncipe Esposo, e a oppressão moral do beaterio papista e a oppressão do clero, encarnados na futura imperatriz ; tyrannia á fortuna, tyrannia ao trabalho, e tyrannia ao pensamento ; imposto exhorbitante, recrutamento forçado, e perseguição ás convicções. (*Muito bem, muito bem*).

Mas será unicamente o grupo dos impacientes, dos anciosos de uma transformação politica os que exprimem riso ou desgosto pelo segundo reinado, e quasi terror pelo terceiro? Não. Todos conhecemos as multiplicadas manifestações dos mesmos coripheus da politica monarchica... E' muito conhecido o dito de Euzebio de Queiroz : « Neste paiz não se póde ser ministro duas vezes. »

São conhecidos os protestos : de D. Manoel Mascarenhas, julgando perdido até o pudor politico ; de Nabuco de Araujo, chamando de farça um poder moderador que encobre um absolutismo ; de Francisco Octaviano, revelando a decepção do que contempla os nossos progressos possiveis, e vê as nossas miserias ; de Camaragibe e Pinto de Campos, combatendo o poder de um, que dividia a nação ; de Cotegipe (notem, o Sr. Barão de Cotegipe), qualificando de *covardes* os opprimidos que não promovessem a reivindicação ; de Silveira da Motta, declarando méra formalidade o nosso regimen constitucional ; de J. M. de Macedo e outros, dizendo partir de cima o movimento de decomposição partidaria, e reinar só a corôa ; dos Srs. Drs. João Mendes de Al-

meida, Antonio Prado, (notem, o Sr. Antonio Prado, ministro da agricultura) Duarte de Azevedo e Rodrigo Silva (tornem a notar), revelando haver para a monarchia brazileira uma unica virtude, o servilismo; de José de Alencar, atacando o polypo do governo pessoal; do Barão de S. Lourenço, avisando a verdade já hoje incontestavel: « as provincias perderam a fé no governo do imperio »! (*Muito bem, muito bem*).

Sómente estes? Não, meus senhores, Ha ainda testemunhas a depôrem neste inquerito dos crimes da monarchia que parece terminar-se em nossos dias levando a condemnação absoluta. O Sr. Martinho de Campos dizia em pleno parlamento que « tinha vergonha de ser monarchista »! e o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, o apostolo do terceiro reinado, confessou que « neste paiz é preciso ter mais coragem para ser monarchista, que para ser republicano. »

Pois não vimos, quando de S. Borja partio o grito patriotico contra o dominio de D. Izabel e do Sr. Gastão de Orleans, o Sr. Conselheiro Antonio Prado, na assembléa provincial de S. Paulo, ao repercutir-se aquelle generoso brado nessa altiva provincia, declarar o direito da representação das camaras municipaes que acompanharam a camara rio-grandense, o que tanto significava, afinal, declarar o direito de revolta contra o terceiro reinado? Não vimos na questão militar o nobre Visconde de Pelotas perguntar ao governo se queria desesperar o exercito a ponto de fazel-o, um dia que talvez não estivesse longe, ensarilhar as armas, quando os brazileiros se convencessem que precisavam appellar para a Republica, para salvarem a Patria que apodrece, como aconteceu a França? (*Muito bem*).

Não vimos o mesmo Sr. Conselheiro Prado recusar-se a receber um titulo de Visconde? Na vida commum, senhores, quando alguem recusa o que outrem lhe quer dar, suppõe-se o offertante menospresado. Eu não sei que amor é esse do Sr. Conselheiro Prado pela monarchia, se lhe repelle as *graças*, os mimos que ella tem para galardoar serviços prestados... (*Riso*).

O mesmo quiz a principio fazer o Sr. Senador Affonso Celso, porém afinal recebeu o titulo de Visconde de Ouro Preto, trocando um nome feito á custa de esforço por um apellido sem significado civico... O Sr. Cesario Alvim declara não aspirar mais a cadeira de senador, descrente do actual estado de cousas, e com o seu programma federativo levantou na provincia de Minas um brado republicano... Diz o Sr. Deputado Penido, em plena camara, que ser-lhe-ha felicidade ver sua patria livre da monarchia, que em sua opinião é um trambolho. *(Riso)*.

Manifestações menos explicitas, porém não menos significativas, vêm confirmar a nossa crença, de que a nação inteira se está convertendo á Republica, por amor do nosso idéal, ou pelo desgosto o mais completo pela antiga ordem. O chefe do conservatorismo no Norte, o Sr. Conego Siqueira Mendes, ao primeiro motivo de desagrado, pessoal ou não, ameaça a monarchia com o desmembramento... O Sr. Dr. João Mendes de Almeida, em S. Paulo, genuino representante da escola *conservadora*, do pleno *statu-quo*, declara em circular ao eleitorado, que o paiz passará inevitavelmente e em breve por uma grande transformação politica. Mas, sendo o paiz hoje uma monarchia, não sei que transformação possa ser essa, que nos não leve á Republica. Verdade é, seja dita de passagem, que a circular dirigida ao Oéste da provincia de S. Paulo não foi a mesma que correu o Norte, onde é mais fraca a aspiração republicana... Naturalmente cousas de candidaturas monarchicas. *(Riso)*.

Mas, senhores, para que ir mais longe, si o mesmo Sr. Presidente do Conselho no seu « crescei e apparecei, » que o partido republicano está completando para uma melhor e mais catholica formula « crescer, multiplicar-se e apparecer, » *(Riso)*, mais parece convidar a campo legiões amigas, que desafial as a combate ? Pois não é indicio do que avento a affirmação de S. Exc. de que acompanhará a nação até onde a nação quizer, parando apenas na hypothese do desmembramento, hypothese de que aliás S. Exc. já se faz echo, reconhecendo-lhe publicamente a existencia ?

Não declarou S. Exc. a probabilidade da mudança das instituições, dizendo terem estas de ser o que a nação desejasse quando seu papel de monarchista sincero seria julgar assentado que a nação queria a fórma monarchica, e a dynnastia existente ?

De sorte que se a nação quizer a Republica, o primeiro ministro da corôa despede-se muito delicadamente do throno, e vem pedir á nova patria o que a patria antiga não lhe podia mais dar ?...

O que não sei, porém, é o papel que em toda essa hypothese representaria então a Sra. Princeza D. Izabel.

Sim, ella teria razão de queixar-se dos seus companheiros de redempção... Porque, como a Republica não tem chefe feminino, é claro que a Sra. Princeza ficaria desalojada do poder, perderia o emprego de chefe do Estado. (*Riso*).

Ora ahi está onde levam as affirmações do Sr Presidente do Conselho de ministros... (*Riso*).

Ah ! senhores, é que ninguem quer comprometter-se com o futuro ; é que a monarchia está abandonada ; é que os seus homens traham hoje por uma zombaria cruel a monarchia, e por uma delonga criminosa a mesma Patria!... (*Applausos*).

Assim, tudo leva á fatal e necessaria instituição do regimen republicano entre nós. Faltam á monarchia todos os seus sustentaculos : — já as classes conservadoras, já as classes progressivas ; os elementos estaveis, e os elementos de movimento da sociedade. O governo do Brazil jámais conciliou os interesses de ordem, e os de progresso ; foi sempre revolucionario ; para prova ahi está a questão da abolição da escravidão, em que a monarchia jamais foi franca para com o povo e os escravos, e para com os agricultores... a todos enganou—emquanto pôde.... (*Muito bem*), de sorte que a dignidade do lavrador offendida fal-o retirar agora o seu apoio á instituição que lhe cavara a ruina da fortuna, e a ruina do coração, pela escravisação do homem, e que o atraiçoara afinal...

Não é agora meu intento, cidadãos, discutir a largo esta questão : fal-o-hei mais tarde. O que agora quero é constatar que a monarchia perdeu o apoio da maior classe conservadora do paiz. Terá ella apoio das outras classes ? O apoio theologico, clerical ? Não tem. O clero é muito justo e ne-

cessariamente passivo. Tem apoio metaphysico, academico e legista? Não tem: pela voz da mocidade e dos mestres ella é condemnada. Tem a dos homens da sciencia pura? Não tem: estes são, em regra, indifferentes á marcha politica. O dos partidos? Não. Dos sentimentos do paiz? Não: bem sabemos que são paternos, sociaes, os nossos sentimentos, e não egoisticos, aristocraticos ou dynnasticos. O dos costumes publicos? Não: entre nós não tem representantes a monarchia: as auctoridades representam o sentimento popular, e não a casa imperial: pois nós não temos nobreza, e quanto a essa que ahi existe, de arranjo, sem tradições,—sabem-no os proprios Barões e Viscondes, que só se lhes tributa respeito pelas suas virtudes pessoaes, pelo seu prestigio ou pela sua posição, e não pelo nome de rio, cidade ou qualquer bicho *(riso)* com o qual trocaram o nome honrado de seus pais; *(Muito bem, applausos)* e eu estou certo mesmo que no dia da republica, elles saberão retomar o nome formado dia a dia pelos seus antepassados, e que lhes foi transmittido como um penhor de honra. *(Muito bem)*. Tem a monarchia afinal, o apoio da força publica? Duvido.

Portanto, se não corresponde mais a uma necessidade social, por que razão havemos de mantel-a, sem nos poder garantir a estabilidade, o progresso, e com governadores que aggravam ainda pela inepcia politica a mobilidade das instituições? Pelo unico receio da mudança? Senhores, não creio se possa imaginar como governo, como administração, cousa peior que isso que ahi está. *(Muito bem, muito bem)*. E pois, senhores, sempre mudariamos para o melhor. E quando não fosse assim?...

Os povos, cidadãos, são homens grandes; não é tão commum mudarem os homens de profissão, de vida, de habitos, e voltarem após experiencia aos mesmos habitos, á mesma vida, á mesma profissão? E' cousa inherente á fraqueza humana. Pois tambem mudariamos nós hoje a fórma de governo; e não fosse essa a duvida... se nos dessemos mal com a republica voltariamos (*quod Deus avertat!*) á monarchia, se em verdade não *estivessemos preparados* para outra cousa, como dizem ás vezes em fracas piadas os ganços do Capitolio *(Riso)* que nos presagiam terriveis desgraças, se não tivermos o achego dos papos de tucano, do sceptro e da corôa do Sr. D. Pedro II. *(Riso. Applausos)*.

Portanto, e perante o actual estado do paiz, quando

tudo brada pela reforma, quando a republica seria o bem estar dos brancos, e principalmente dos pretos, porque a republica é o governo do proletariado, e em nossa patria o proletariado, na sua maioria agricola, é quasi em todo composto de descendentes da raça preta,— não é má fé, não é maldade, não é deshumanidade, explorar contra os republicanos a gratidão dos pretos os sentimentos de expansão de liberdade de uma raça tão bôa, tão infelicitada, para sustentar um throno, que é o mais formidavel representante da olygarchia? *(Applausos.)* Ah! Senhores! Certamente não seriamos nós as maiores victimas da monarchia. Certamente não seriamos nós os que mais soffreriamos os resultados da pressão que mais visivelmente pela sua delapidação dos dinheiros publicos ella exerce sobre a Nação, tirando-lhe os meios de vida, esgotando-lhe as forças naturaes. Não, Senhores! Os bacharéis, os advogados, os medicos, os negociantes, os agricultores, os consumidores, emfim, os fortes, sempre encontrariamos a *vida*, sob regimen de delapidação economica, porém, pergunto eu, quem não vê que o principal victimado será o *povo*, o proletario, o operario preto, ao qual sem duvida faltará muita vez mesmo o que comer? *(Muito bem! muito bem!)* O operario, o ex-escravisado, o liberto,—eis a principal victima da monarchia, eis o explorado no reinado de Izabel, como explorado no reinado de Pedro! *(Applausos.)* Ah! Senhores! e que triste missão é então a d'esse abolicionismo ingrato, que, sahido da fileira republicana, quer estagnar a corrente do rio caudaloso da liberdade da Patria? Eu o creio e o affirmo solemnemente: O ABOLICIONISMO QUE SE DESVIA PARA A MONARCHIA, É A MAIS VIL ESCRAVIDÃO E A MAIS INDIGNA ESCRAVOCRACIA! *(Applausos prolongados. Salvas de palmas interrompem o orador, O publico ergue-se, acclamando-o. Senhoras acenam nas tribunas com os lenços.)*

Ah! Senhores! Sejamos brancos, e sejamos pretos; cumpramos o nosso dever de mais fortes, em proteger aos mais fracos; tenhamos as bôas qualidades da raça branca e da raça preta, por uma sincera confraternisação; sejamos brancos, e sejamos pretos; mas não sejamos pretos falsificados! *(Applausos prolongados.)*

E' em razão de todos os imperiosos motivos expostos que o Partido Republicano, o Partido Nacional, julga de seu inilludivel dever collocar-se novamente na vanguarda da Na-

ção Brazileira, e reclamar a instituição urgente da Republica. Hoje somos mais fortes; a nossa antiga tenacidade foi coroada: á mocidade, que pedia a Republica pelo bello enthusiasmo da Liberdade, aos populares que a reclamavam como remedio a sua penosa existencia, aos directores politicos, descrentes da possibilidade de exercicio honesto de um justo desejo de governo, emquanto persistisse o regimen de elevação das mediocridades intrigantes,—junta-se-nos hoje a grande massa conservadora da nação, a numerosa classe dos cultivadores do sólo; junta-se-nos a classe commercial, juntam-se-nos todos os homens de honestidade e intelligencia, junta-se-nos a propria nação. *(Muito bem! muito bem!)* Então nós appellamos para todos que a Patria habitam, afim de que nos auxiliem no trabalho e na regeneração da Patria. Pedimos o concurso da Mulher; porque sabemos que sem o impulso do seu coração, jámais revolução gloriosa ou reforma efficaz o homem realizou; pedimos o concurso dos moços porque sabemos que na mocidade allia-se o enthusiasmo scientifico ao enthusiasmo patriotico; pedimos o concurso dos velhos, porque sabemos que a sua inflexão consagra e santifica o denodo civico, o impulso rebelde e a audacia politica. *(Muito bem! muito bem!)* Pedimos o concurso de todos, qualquer que seja a sua nacionalidade:—dos estrangeiros—si é que essa palavra estrangeiro existe nos nossos diccionarios *(applausos prolongados)*—a que collaborem comnosco na reorganisação da terra que adoptaram; sejam da generosa França, a Patria do formidavel Danton, a Patria de todos os homens, a Mãi, a Irmã de todas as Nações; sejam da idéal Italia, a depositaria das velhas e sagradas tradicões da grandeza das aguias romanas, a inspiradora das visões do soldado e poeta Dante Aliguiere *(bravos! applausos)*;— sejam da ardente e mystica filha do Cid o campeão;—ou dos amadigos frigidos da gelida Bretanha, mãi da piedade de Alfredo e da energia republicana de Cromwell; ou da sombria Allemanha em que atravez dos rugidos de Fausto condemnado—Goethe moribundo illuminador a pedir luz, Frederico de Henzolern—O Grande—realiza a admiravel combinação da dictadura e da liberdade *(Applausos)*—; ou sejam das nossas irmãs americanas, de corações altos como suas montanhas andinas e ardentes como osseus vulcões—povos do sul—opulentos como as suas jazidas de minérios, como as aguas invernosas de seus rios,—povos do norte—Washington e Jefferson, em sauda-

ção augusta a Bolivar e Francia, atravéz deste enthusiasmo da liberdade colonial — Toussaint-Louverture; ou sejam os nossos pais e irmãos desse Portugal illustre, que após haver sulcando mares, plantado a civilisação no mundo antigo, formou na America um novo mundo, uma nova civilisação! *(Applausos)* Pedimos o concurso de todos os partidos; que não vejam em nós um partido, isto é somma de odios, de exclusões e de vingança e sim o trabalho honrado representante de todos os partidos, synthese de sympathias, agasalhos e applausos. *(Muito bem! muito bem!)*

Assim, conjuramos a todos os brazileiros a que reflictam em que ácima dos partidos, acima dos liberaes ou de conservadores, devemos ser patriotas, mormente quando a Patria, isto é, nós mesmos, está em verdadeiro perigo *(Applausos)*.

Assim conjurando-os cumprimos o nosso dever; que cada um comprehenda a grave responsabilidade de sua simples existencia no momento actual, verdadeiramente historico para o nosso paiz, e a tremenda e gravissima responsabilidade de qualquer opposição fratricida á propaganda da Republica que é o agitar-se dos membros da Patria adormecida, prenuncio certo de um despontar ovante e glorioso! *(Applausos.)*

Nós teremos cumprido o nossso dever. Si amanhã, por uma tristeza fatal! diante da delapidação feroz do Aventureiro Expatriado, faltar o pão ao lar, não! os famintos não se queixarão de nós! *(Applausos)* As maldições dos filhos pequeninos sem instrucção e sem virtude, das espozas n'outro tempo suavissimas, sem amor e sem honra, dos ancião brancos nos cabellos, e enegrecidos pelo desrespeito, não, não cahirão sobre nós e sim sobre os braços validos dos homens fortes, que em vez de tombarem como castigos sobre as frontes de principes miseraveis, baixaram-se como torpezas a tomar-lhes as mãos e beijal-as, em beijos tornados devorar de vermes sobre o coração ensanguentado da terra que lhes déra a vida. *(bravos)*.

Nós, não! nós seremos bemditos! sobre o oceano formado com o sangue de lodo dos perversos manter-se-há talvez a fragil náo de um terceiro reinado, mas, a correr a embarcação maldita e a apavorar os timoneiros inocentes, sobrenadarão as nossas sabeças sangrentas de patriotas como maldição da natureza e da Terra contra a deformação da America! *(Bravos. Applausos)*. Havemos de instituir a Republica em nossa

Patria. Não estivessemos nós convencidos de que a Republica é a sua felicidade, de que a eliminação do privilegio de casta é um dever e que o impulso para a instituição da Republica na Europa é a sua gloria; não estivessemos nós convencidos de que essa triplice operação se póde realisar sem as convulções das guerras civis, e o nosso proceder fôra outro: fôra a abstenção lacrimosa dos cenobitas ou a intervenção unicamente serena dos philosophos, a viver nas Jerusalens idézes do Futuro, resignados embora dolorosamente ás Babylonias e Gomorras do Presente! *(Muito bem).*

Não! Nós instituiremos a Republica. Tem-se visto do seio dos pantanos surgirem lyriose nenuphares; oh! do seio do pantano monarchico nós faremos surgir o bello lyrio da fraternidade republicana! *(Applausos).*

Sim! Tambem o Amazonas encontra tropeços na marcha volumosa das suas aguas; nem por ser formado com tanta difficuldade pela dedicação expontanea de affluentes já grandes, já pequeninos, deixam de impedir-lhes o caminho pobres troncos apodrecidos a curvarem o dorso do gigante!

Tamanha é, entretanto, a sua força, que penetra rijo no oceano impondo-lhe a doçura limpida de suas aguas, tamanha a força de sua bondade que das pedras, troncos e avalanches construe formações de terrenos e erige, fertilisadas pelas suas aguas harmoniosas, ilhas de quasi grandeza de continentes! Pois tambem esse rio da liberdade humana e brazileira formado atravez dos tempos com as affluencias do nosso sangue, de mistura com as nossas lagrimas, penares, maguas, dores, derrotas, quedas, ancias, aspirações, saudades, angustias, ignorancias, molestias, nudezes, fomes, revoltas, mortes, apprehensões, lagrimas e sangue, tambem esse rio da liberdade congrega os que se lhe oppoem nas insulas do bem! Oh! Elle imporá ao oceano estagnado da Maldade Humana a doçura e a limpidez das suas aguas! Em bem que o purificará e fará d'elle surgir a Republica, bella, grande, ideal, como a Venus amphitrite surgida das espumas do mar! *(applausos prolongados)* Sim havemos de instituir a Republica; ella é o grande bem, a grande necessidade, mas é para nós sobretudo a grande certeza, a enórme fatalidade infallivel! Patriotas! Nada póde impedir o advento da Patria! Homens! nada póde impedir o advento da Humanidade!

Foi ha um seculo: aquella aguia, que se chamou Tiradentes, deixou cahir de um ponto do espaço seixo que cobre

o horisonte e jaz montanha; montanha que toma toda a terra brazileira, que abate todos os abysmos do mal, e que tornado plató grandioso, culminancia occidental, pedestal da liberdade no mundo, avança pelos mares como um grande corpo animado, como um fetiche collossal, a esmagar para todo sempre a monarchia, esse monstro primitivo e feroz, a expulsal-a da America para a escura região de tumulos vasios do desprezo da historia! *(Bravos! Applausos prolongados. Felicitações. Acclamações repetidas e enthusiasticas ao orador e á Republica.)*

Typographia d'O Norte, Casa 22 de Novembro n.s. 58 e 60